

BONDE # da vacina [cuidar de si para cuidar do outro]



30 MELHORES TEXTOS DO 1º CONCURSO PORTINHO
LIVRE DE LITERATURA INFANTOJUVENIL





Fundação Oswaldo Cruz

Presidente

Mario Moreira

Chefia de Gabinete

Zélia Profeta

Diretor Executivo

Juliano Lima

Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde

Hermano Castro

Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação

Cristiani Vieira Machado

Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas

Maria de Lourdes Aguiar Oliveira

Vice-Presidência de Produção e Inovação em Saúde

Marco Krieger



Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde

Diretor

Rodrigo Murtinho

Diretora Executiva/Vice-Diretora de Ensino

Mel Bonfim

Vice-Diretora de Desenvolvimento Institucional

Ingrid Jann

Vice-Diretora de Informação e Comunicação

Tania Cristina Pereira dos Santos

Vice-Diretora de Pesquisa

Mônica de Avelar Figueiredo Mafra Magalhães

Chefia de Gabinete

Claudenice Carvalho de Girão

● BONDE # da vacina

[cuidar de si para
cuidar do outro]



Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

Coordenação Portinho Livre
Juliana Krapp

Coordenação editorial
Laura van Boekel

Projeto Gráfico
Thays Coutinho

Revisão Técnica
Akira Homma e Mel Bonfim

Revisão
Alessandra Volkert

Agradecimentos a: Akira Homma, Beatriz Soares, Elisa Silveira, Graça Portela, Isabella Motta, Marcella Vieira, Marcelo Rabaço, Maria Helena Hallais, Mariana Elysio, Mel Bonfim e Renata Rezende.

Este livro foi publicado de acordo com a Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz. Os textos constantes nesta publicação podem ser copiados e compartilhados desde que: não sejam utilizados para fins comerciais e que seja citada a fonte e atribuídos os devidos créditos. Distribuição gratuita.



B711

O bonde da vacina [recurso eletrônico] : cuidar de si para cuidar do outro / coordenação Portinho Livre: Juliana Krapp; coordenação editorial: Laura van Boekel; projeto gráfico: Thays Coutinho. – Rio de Janeiro : Portinho Livre, 2024.
85 p. : il. color.

ISBN: 978-65-981602-2-7.

Modo de acesso: World Wide Web.

30 melhores textos do 1º Concurso Portinho Livre de Literatura Infantojuvenil.

1. Vacinas. 2. Vacinação. 3. Ciência na Literatura. 4. Literatura Infantojuvenil. 5. Literatura – concursos. I. Krapp, Juliana. II. Boekel, Laura van. III. Coutinho, Thays.

CDD B869.08092825

DEDICAMOS ESTE LIVRO A TODAS AS TRABALHADORAS E TODOS OS
TRABALHADORES DA SAÚDE, QUE SE DEDICAM A PROTEGER A POPULAÇÃO
BRASILEIRA ENFRENTANDO MUITOS DESAFIOS.

ALÔ, LEITORA! ALÔ, LEITOR!



Você já parou para pensar na importância das vacinas? Graças a elas, controlamos ou eliminamos uma série de doenças graves – já até erradicamos uma delas: a varíola. E você sabe como o nosso país é visto internacionalmente por seu desempenho no campo da vacinação? Pode se orgulhar. O Brasil é considerado um grande exemplo de sucesso, pois garante vacinas gratuitamente para toda a população.

Por que será então que tanta gente tem evitado se vacinar nos últimos anos? E que muitas notícias falsas têm circulado com informações enganosas sobre as vacinas? Não há respostas simples para essas questões, mas uma coisa é certa: a queda no que chamamos de “cobertura vacinal” – um indicador que mostra a proporção da população que foi vacinada – virou um grave problema.

Este livro mostra o que pensa a juventude brasileira sobre esse que é, hoje, um dos grandes desafios da saúde pública no Brasil: a vacinação. Ele é resultado da primeira edição do Concurso Portinho Livre de Literatura Infantojuvenil. De julho a agosto de 2023, convidamos estudantes de 13 a 16 anos a escreverem textos com o tema “O bonde da vacina: cuidar de si para cuidar do outro”.

É uma imensa alegria anunciar que, nesse primeiro concurso, tivemos 166 textos inscritos por adolescentes de todas as regiões brasileiras. Valeu demais!

A comissão julgadora escolheu 30 desses textos, usando como critérios sua coesão, coerência e criatividade.

E haja criatividade! Algumas das redações lembraram episódios históricos, como a Revolta da Vacina. Houve quem evocasse diálogos fictícios no posto de saúde. Quem explorasse o medo de agulhas — e possíveis estratégias para enfrentá-lo. Houve quem usasse o ritmo e as rimas do rap para defender a importância das vacinas. E até quem imaginasse uma brecha na lógica do tempo que permitisse a troca de diários entre uma menina vivendo em 1904 e outra, em 2021.

O primeiro lugar coube a Luiz Felipe Lemos Amorim, estudante de São Luís – MA. Em seu texto, Luiz Felipe evoca as batidas do funk para tecer uma pensata sobre essa dança coletiva que é a vacinação.

Todos os 30 textos estão reunidos nas páginas seguintes, em ordem alfabética, com o nome e a idade de seus autores à época da inscrição. Esperamos que a leitura desses trabalhos seja, também ela, um convite à reflexão sobre o papel das vacinas para o bem-estar comum. Além, é claro, de garantir momentos de prazer e de surpresa ante o talento e a capacidade inventiva desses jovens autores.

O 1º Concurso Portinho Livre de Literatura Infantojuvenil foi organizado pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Teve apoio do Edital Ideias Inovadoras, do Programa Fiocruz de Fomento à Inovação.

Agradecemos a todos os que colaboraram para que o concurso e este livro pudessem virar realidade. Nossos agradecimentos mais que especiais ao cientista Akira Homma, pesquisador emérito da Fiocruz e uma das maiores referências no mundo todo, quando o assunto são vacinas, e que nos deu a honra de fazer a revisão técnica do livro.

Importante dizer que essa primeira edição do concurso foi uma homenagem aos 50 anos do Programa Nacional de Imunizações (PNI), comemorados em 2023. Viva o PNI! Viva o SUS!

EQUIPE PORTINHO LIVRE

SUMÁRIO

(textos dos estudantes em ordem alfabética)

- 14. A IMPORTÂNCIA DA VACINA
ANA LUÍSA FONSECA TORREÃO
- 16. A IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO E DA DEFESA DA CIÊNCIA NA ATUALIDADE
PEDRO HENRIQUE DUARTE FANTINI SILVA
- 18. A VACINA E AS VIDAS
SOPHIA SALDANHA DE OLIVEIRA
- 21. A VACINA NOS AJUDA A VIVER
MAÍRA KAUSS LOUREIRO
- 23. ANA TEM MEDO DE TOMAR VACINA
ANA LUÍZA RODRIGUES PUREZA

26. DA CONSCIENTIZAÇÃO À AÇÃO
MURILO DE ALMEIDA TORRES
28. DIÁRIO DA VACINA
MARIA HELENA MACEDO DE ALMEIDA
31. FASCINAÇÃO, VACINA EM AÇÃO
SEBASTIÃO POMPEU DE SIQUEIRA
33. LUTE COMO UMA GAROTA
MATHEUS MONSORES MEDEIROS
36. NÃO CONSIGO ENTENDER
NAMI SANO
38. NATÁLIA E O BONDE DA VACINA CONTRA O VÍRUS QUE ASSOLAVA PORTO LIVRE
RAPHAEL DOS ANJOS TELES
42. O BONDE DA VACINA
MIGUEL DE OLIVEIRA ANDRADE
44. O BONDE DA VACINA DOS AMIGOS
MIKAEL AUGUSTO BRAGAGNOLO DANIEL
47. O PESAR DO MANUSCRITO
MAIRA DE MIRANDA BARROS ADELINO BARBOSA
49. PEQUENAS BORBOLETAS, GRANDES MUDANÇAS: COMO VACINAÇÃO E
CONSCIENTIZAÇÃO MOLDAM O MUNDO
KAROLINA ROSA DE OLIVEIRA

52. SERÁ QUE É *FAKE NEWS*?
PAULA ABREU DE CARVALHO
54. UM BREVE DIÁLOGO NO POSTO DE SAÚDE
DANIEL DA SILVA CAMPOS ALMEIDA
57. UM POUCO DE VÊNUS NO MEU CORPO
HUGO DE SANTANA MENDES
60. UNIDOS PELO BEM: A JORNADA DO BONDE DA VACINA EM CUIDAR DE SI PARA CUIDAR DO OUTRO
GEOVANA RODRIGUES DE SOUZA
62. VACINA - PROTEGENDO VOCÊ, PROTEGENDO QUEM VOCÊ AMA
ÁLEF SAYMON DA SILVA RAPHAEL
64. VACINA É AMOR
RACHEL FERNANDES CARVALHO
66. VACINA PARA TODOS
ISABELLA PIMENTA PATRICK
68. VACINA PROTETORA, COMBATENTE E VITAL
GUILHERME BRAGA CARNEIRO
70. VACINA: UM RITMO BOM!
LUIZ FELIPE LEMOS AMORIM
72. VACINAÇÃO: UM PACTO COLETIVO
MARIANNE CINELLI GRESS NICOLAY TAVARES DA SILVA

74. VACINAR OU NÃO VACINAR - EIS A RESOLUÇÃO
HUGO DE CUNTO BUENO
78. VACINAR-SE PARA A VIDA MELHORAR
CAMILA DOMICIANO DIAS VASCONCELOS
80. VACINE-SE! SALVE VIDAS!
LUIZA CONSIDERA CÔRTEZ
82. VIAGEM NO TEMPO
JORGE SAMUEL DE OLIVEIRA ANDRADE
84. VOCÊ TAMBÉM PODE SER UM HERÓI
GUILHERMINA RESECK DUNCAN
87. PORTINHO LIVRE
UMA BREVE APRESENTAÇÃO



A IMPORTÂNCIA DA VACINA



Em tempos de avanços tecnológicos e acesso ilimitado à informação, a humanidade enfrenta desafios globais que requerem a união de esforços e o exercício do pensamento crítico para o bem-estar comum.

Nesse contexto, as vacinas surgem como uma das mais poderosas ferramentas de prevenção e controle de doenças infecciosas, capazes de salvar milhões de vidas a cada ano. Dessa forma, é fundamental incentivar o pensamento crítico a respeito da responsabilidade coletiva de cada indivíduo em relação às vacinas, a fim de fortalecer a confiança na ciência e promover um futuro mais saudável para todos.

Primeiramente, é válido afirmar que é fundamental reconhecer que as vacinas têm uma história de sucesso comprovada. Graças a elas, doenças que tiraram inúmeras vidas foram controladas. Há casos, inclusive, de doenças que foram eliminadas em alguns países, como foi o caso da poliomielite no Brasil, e uma que foi erradicada (extinta do planeta): a varíola.

No entanto, nos últimos anos, temos observado um aumento preocupante no movimento antivacinação, impulsionado por informações equivocadas e teorias infundadas que desafiam a validade científica das vacinas. Nesse cenário, o pensamento crítico aparece como uma ferramenta essencial para separar fatos de ficção, permitindo que a sociedade faça escolhas conscientes embasadas em informações científicas em relação à vacinação.

Além disso, esse tipo de pensamento nos convida a considerar o impacto de nossas decisões individuais na saúde coletiva. A responsabilidade geral transcende a noção de que nossas ações repercutem apenas em nosso próprio bem-estar. A escolha de se vacinar não é apenas uma questão pessoal, mas um gesto de solidariedade com os mais vulneráveis da sociedade. Bebês muito jovens, idosos, pessoas com imunidade comprometida e outros grupos vulneráveis contam com a imunidade global para se protegerem contra doenças potencialmente fatais.

Assim, cada indivíduo que opta por se vacinar contribui diretamente para a proteção desses grupos mais frágeis, demonstrando uma responsabilidade cidadã que supera os interesses pessoais.

Em contrapartida, negligenciar a vacinação pode ter consequências graves, permitindo o ressurgimento de doenças anteriormente controladas e prejudicando a saúde pública: epidemias e surtos podem ocorrer quando a cobertura vacinal não atinge níveis suficientes para alcançar a imunidade.

Portanto, ao incentivarmos o pensamento crítico a respeito da importância das vacinas e da responsabilidade coletiva, incentivamos uma sociedade mais saudável, empoderada e consciente de seu papel na preservação da saúde pública. Devemos ser protagonistas de nossa própria saúde e, ao mesmo tempo, compreender que nossas escolhas individuais afetam o bem-estar coletivo. A vacinação é uma prova viva de que, juntos, podemos alcançar conquistas extraordinárias e superar desafios globais, reafirmando a importância da ciência, da informação responsável e do compromisso com o bem comum. A responsabilidade é a base para uma sociedade mais saudável, unida e resiliente, onde cada um de nós desempenha um papel crucial na construção de um futuro mais seguro e próspero para todos.



ANA LUÍSA FONSECA TORREÃO
15 anos
Escola Fórum Cultural
Niterói – RJ

A IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO E DA DEFESA DA CIÊNCIA NA ATUALIDADE



A contemporaneidade, a valorização da vacinação e a defesa intransigente da ciência assumem papéis fundamentais na promoção da saúde pública e no progresso da sociedade. As vacinas, produtos do rigoroso método científico, têm historicamente eliminado doenças e reduzido a morbidade, constituindo--se em um dos maiores feitos da medicina. No entanto, o sucesso das campanhas de vacinação não se restringe à elaboração das fórmulas, mas também à aceitação pública embasada na confiança científica. Nesse contexto, a defesa da ciência emerge como ferramenta essencial para dissipar desinformações e promover o entendimento sobre os benefícios das vacinas.

A atualidade é marcada pela proliferação veloz de informações, sendo, por vezes, palco para teorias infundadas que contestam a segurança e eficácia das vacinas. É imperativo reconhecer que a disseminação dessas teorias prejudica o esforço global de saúde pública, enfraquecendo a imunização em massa. Aqui, a defesa da ciência se torna uma arma na luta contra a desinformação, fornecendo dados concretos, explicando o método de pesquisa e destacando os resultados positivos das vacinas. Além disso, é necessário um esforço contínuo de educação pública para elucidar a população sobre o processo rigoroso pelo qual as vacinas passam antes de serem disponibilizadas.

A pandemia de covid-19 evidenciou como a ciência e a vacinação são pilares da sociedade moderna. O rápido desenvolvimento de vacinas contra o vírus foi um triunfo da pesquisa científica e da colaboração global. No entanto, a disseminação paralela de teorias conspiratórias ressalta a importância da defesa da ciência. A desconfiança infundada das vacinas pode prolongar a pandemia, aumentar o número de mortes e prejudicar a recuperação econômica. Portanto, é crucial unir esforços para promover a ciência de maneira acessível e comunicar a importância vital da vacinação para o bem-estar individual e coletivo.

Em síntese, a valorização da vacinação e a defesa da ciência são alicerces indispensáveis na atualidade. Enquanto as vacinas resguardam a saúde pública, a defesa da ciência age como um contraponto à desinformação, assegurando que a tomada de decisões seja baseada em evidências sólidas. Ao fortalecer esses pilares, a sociedade pode aspirar a um futuro mais saudável, próspero e informado.



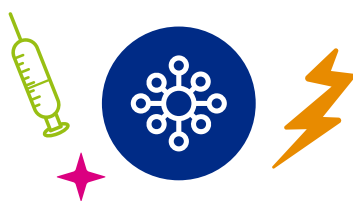
PEDRO HENRIQUE DUARTE FANTINI SILVA

16 anos

Escola Sesi Jundiá

Anápolis – GO

A VACINA E AS VIDAS



Era mais uma manhã normal, assim como todas as outras para Matheus, de apenas 9 anos de idade, que estava indo para a escola.

Entretanto, sua mãe e seu pai também estavam indo pra lá, pois haveria uma palestra importante e de livre acesso. A palestra era sobre uma doença perigosa, que havia retornado devido à baixa vacinação na região, e a importância de todos se vacinarem.

Matheus ouviu atentamente a palestra. Aprendeu como as vacinas protegem as pessoas de determinadas doenças, estimulando nosso corpo a saber como determinado vírus se comporta e como combatê-lo rapidamente, e que todos devem se vacinar, para evitar que o vírus continue infectando e fazendo ainda mais pessoas sofrerem.

Seus pais também aprenderam muito e decidiram que iriam se vacinar e vacinar Matheus no dia seguinte.

De noite, Matheus foi dormir, porém teve um pesadelo!

Uma criatura horrível, com olhar malvado, o observava.

— Quem é você? — perguntou Matheus, apavorado.

— Você ouviu falar sobre mim na escola... Eu sou “o vírus”, de quem todos estão falando. Estou aqui para deixar as pessoas doentes... — disse o vírus, ameaçadoramente.

— Você não vai me deixar doente, porque a mamãe e o papai vão me levar para o postinho de vacinação amanhã! E agora você não está aqui de verdade, você é só um pesadelo! — exclamou Matheus para o vírus, ainda que com medo.

— Que pena... não poderei infectar você ou seus pais, porém ainda posso deixar seus avós, seus tios, seus amiguinhos doentes! Ainda posso deixar os hospitais lotados e as pessoas tristes! — retrucou o vírus, dando uma risada assustadora e desaparecendo.

Matheus se assustou e, de repente, acordou. Foi apenas um pesadelo!

Sua mãe o chamou para tomar café da manhã. Depois iriam para o posto de saúde.

Quando Matheus chegou à cozinha, ouviu seu avô, Edson, discutindo com sua mãe na sala. Sua avó, Zélia, observava calmamente a situação.

— Eu não vou tomar a vacina! Filha, você, seu marido e o Matheus também não deveriam tomar! Vocês não sabem que a vacina faz mal? — dizia o avô.

A mãe de Matheus não conseguia explicar para o avô do menino a importância da vacina, ele não a deixava falar.

Zélia se retirou da sala para buscar algo.

Então, Matheus foi até seu avô para conversar com ele.

— Vovô, as vacinas protegem a gente de várias doenças! Ficar doente não é nada legal, e as vacinas ajudam nosso corpo a combater os vírus dessas doenças! Eu aprendi muita coisa na palestra na escola ontem, mas você não quis ir... — murmurou o menino, um pouco triste com o avô.

— Matheus, pode até ser... mas eu não entendo isso, não estou convencido! Uma doença não pode ser tão ruim assim. Eu peguei várias e continuo vivo! — resmungou o avô.

— Mas, quando a gente se vacina, não estamos só nos protegendo, mas também protegendo todo mundo que a gente ama! — exclamou Matheus.

Zélia, a avó de Matheus, entrou na sala.

— Edson, escute seu netinho sem tanta teimosia... Você se lembra do Francisco? — perguntou Zélia, calmamente.

— Eu não estou sendo teimoso! E quem é Francisco? — perguntou Edson, impacientemente.

Zélia mostrou uma antiga foto de uma turma escolar uniformizada, apontando para dois garotos, entre os 10 e os 13 anos, brincando juntos.

Os olhos de Edson se encheram de lágrimas.

— Francisco era o seu melhor amigo na escola... Ele morreu por causa desse mesmo vírus que está voltando agora! Essa doença só havia sido eliminada por causa da vacina, e agora ela está de volta porque a vacinação está baixa. Edson, por isso que a gente tem que se vacinar. Assim, eu e você não vamos passar por isso novamente, e o Matheus não vai viver algo semelhante — disse Zélia, em tom emotivo.

Edson abraçou Matheus.

— Matheus, você estava certo. Hoje mesmo eu vou com vocês me vacinar, tudo bem? Você é um menino muito esperto — disse Edson, agora mais calmo.

— Que bom, vovô! A vacina vai prevenir que muita gente sofra por causa dessa doença! Mas... você pode me acalmar quando eu for tomar a vacina, vovô? A vacina é importante, mas eu ainda tenho medo de agulhas! — disse Matheus, com um sorrisinho no rosto.

Edson riu e Zélia sorriu.

No mesmo dia, Matheus, seus pais, seus avós e seus tios foram vacinados, e Matheus saiu do postinho exibindo o certificado de coragem que recebeu.

Devido à forte campanha de vacinação e ao maior acesso à informação, mais e mais pessoas foram vacinadas.

Aos poucos, os casos foram diminuindo, até o vírus ser considerado eliminado mais uma vez.

Matheus levou uma lição para a vida toda: todos devem se vacinar, pois assim o vírus não vai voltar!



SOPHIA SALDANHA DE OLIVEIRA

14 anos

Colégio Pedro II

Rio de Janeiro – RJ

A VACINA NOS AJUDA A VIVER



A vacina é algo importantíssimo para a humanidade, para o convívio entre as pessoas. Quando nos vacinamos, não estamos protegendo somente a nós mesmos, mas todos ao nosso redor. Essa imunidade que criamos quando a vacinação é feita ajuda-nos em vários fatores, porque, além de nos proteger do vírus, ajuda a não espalhá-lo pela sociedade. E isso nos previne de epidemias que poderiam causar danos graves à saúde da sociedade como um todo.

Esse meio de imunização foi criado no século XVIII, em combate a uma grave doença conhecida como varíola, que causava muitos prejuízos à saúde coletiva. A vacina foi criada como um meio de imunização que introduz o agente causador de uma doença em nosso corpo em pequena quantidade, fazendo com que o nosso organismo produza novos anticorpos contra aquele vírus. Então, quando nós somos infectados pelo vírus, nosso corpo já está preparado para combatê-lo, assim se tornando um importantíssimo preventor de doenças.

No entanto, nem sempre a população acreditou na eficácia da vacina, muito pelo contrário. Em 1904, aconteceu uma grande revolta em protesto a uma lei que obrigava a população a se vacinar. Esse acontecimento ficou conhecido como Revolta da Vacina. A população ficou extremamente assustada, tendo suas casas invadidas para a inoculação de algo em seus corpos que não sabiam o que era. Depois de algum tempo, a população começou a entender a importância que a vacina tem para nossas vidas e passou a reconhecer seus benefícios. Não foi de uma hora para outra, foi necessário muito esforço para que isso acontecesse.

Na época da pandemia da covid-19, a vacinação foi muito importante para a saúde mundial. Como o vírus se propagou muito rápido e fez muito estrago na saúde da população, a vacina foi o principal instrumento utilizado para evitar a propagação do vírus. Obviamente, ela não acabou com a pandemia de uma hora para outra, mas fez o número de mortes causadas pelo vírus diminuir de maneira relevante, ajudando-nos na possibilidade de voltar a viver nossas vidas quase normalmente, porque a lembrança desse acontecimento mundial sempre nos acompanhará.

Hoje em dia, existem muitos movimentos, organizações e até mesmo órgãos públicos que cuidam da nossa saúde, principalmente por meio da vacinação. E isso é um grande avanço para a humanidade, porque as novas gerações vão crescer estando menos doentes e com certeza vivendo mais. Daqui para a frente, vai ter muitas pessoas chegando ao topo da pirâmide etária com uma saúde excelente, tudo por conta da vacinação, não só no Brasil, mas no mundo.



MAÍRA KAUSS LOUREIRO

13 anos

Escola Fórum Cultural

Niterói – RJ

ANA TEM MEDO DE TOMAR VACINA



A Ana é uma menininha de 5 anos que vive com sua mãe Luiza.

Está chegando o dia de Ana tomar vacina, mas ela tem medo de agulhas. Isso com certeza será um problema!

- Filha, amanhã você irá tomar uma vacina contra a gripe.
- Mamãe, eu não quero ir! Você sabe que eu não gosto.
- Tomar vacina não é tão ruim assim. Você quer ouvir uma história sobre isso?
- Quero sim.
- Era uma vez uma menininha que tinha a sua idade, o seu nome era Luiza.
- Mas esse não é seu nome, mamãe?
- Sim, essa história é sobre mim. Eu tinha muito medo de agulhas, assim como você, mas eu superei esse medo. Quando chegou a hora de tomar vacina, eu nem percebi.
- Como você fez isso?
- Eu descobri que a vacina me daria superpoderes.
- Como assim?

– Sim, superpoderes... Eu ganharia imunização e poderia me proteger de doenças. Além disso, o maior poder: o da imaginação...

– Imaginação? O que você imaginou?

– Eu imaginei que ajudava a cidade a combater os vírus e as doenças. Porque se eu me proteger, protejo o outro!

– Eu não sei se consigo fazer isso, parece ser difícil!

– Não é tão difícil assim... Eu tenho certeza de que você irá conseguir! Agora está na hora de a senhorita dormir, já está muito tarde. Acordaremos cedo amanhã.

– Boa noite, mamãe.

Luiza deu um beijo na testa de sua filha, apagou todas as luzes do quarto, deixando apenas o abajur aceso, fechou a porta e saiu.

– Ahhhh, Pompom, eu estou com tanto medo! Eu não sei o que fazer.

Pompom é o ursinho de pelúcia de Ana, que ela ganhou de sua mãe no seu primeiro aniversário.

– Não tenha medo, Ana, eu estou aqui com você.

– Pompom?!?!? Você consegue conversar comigo?!?!?

– Isso é a sua imaginação! Você confia em mim?

– Claro que sim! Você é meu melhor amigo.

– Você pode me levar com você, assim você não irá tomar vacina sozinha.

– Boa ideia, Pompom, desse jeito eu não irei me assustar com a agulha.

Depois de muito conversar com Pompom, Ana acabou caindo no sono. Agora a ideia de tomar vacina já não era tão ruim quanto parecia antes.

No dia seguinte, Luiza acordou sua filha bem cedo. Ana, ao contrário da noite anterior, estava bem feliz, o que deixou Luiza bastante intrigada.

– Posso saber o motivo de toda essa felicidade?

– Ahhh, mamãe, agora eu não estou mais com medo, o Pompom vai estar ao meu lado enquanto eu tomo vacina.

– Fico feliz que tenha perdido o medo.

As duas se arrumaram e foram para o postinho de vacinação.

Ana não teve medo e nem sequer começou a chorar, fato esse que deixou todos encantados com a menina.

– Você estava certa, mamãe. Tomar vacina não é tão assustador quanto parecia!

Ei, você! Sim, você que está lendo a história. Não tenha medo de tomar vacina, ela é fundamental para a nossa saúde. Quem se vacina protege a si mesmo e aos próximos. Se você estiver com medo, use sua imaginação, assim como a Ana.



ANA LUÍZA RODRIGUES PUREZA
13 anos
Escola Sesi Jundiaí
Anápolis – GO

DA CONSCIENTIZAÇÃO À AÇÃO



Em um mundo em constante evolução, a ciência deu origem a uma das maiores ferramentas da medicina: as vacinas. Ao longo das décadas, essas pequenas doses de esperança provaram ser instrumentos poderosos na luta contra doenças mortais. Seus impactos na saúde pública foram tão profundos que revolucionaram a trajetória da humanidade, moldando um futuro mais saudável e promissor para todos.

Num passado não tão distante, a poliomielite, conhecida como paralisia infantil, assombrava comunidades inteiras, deixando crianças paralisadas e vidas devastadas. No entanto, com a criação da vacina contra a poliomielite na década de 1950, o cenário começou a mudar. Campanhas massivas de vacinação foram lançadas, atingindo milhões de crianças em todo o mundo. Os resultados foram visíveis: a propagação do vírus foi contida e, com o tempo, a poliomielite foi praticamente erradicada.

O sarampo, outrora uma ameaça comum, também encontrou seu adversário nas vacinas. Antes da introdução da vacina contra o sarampo, surtos da doença eram responsáveis por um número significativo de mortes infantis. Com a vacinação em larga escala, a transmissão do vírus diminuiu drasticamente. Países que implementaram programas de vacinação viram as taxas de sarampo despencarem, salvando inúmeras vidas e proporcionando uma infância mais saudável.

O tétano, muitas vezes associado a ferimentos profundos e insalubres, também foi controlado graças às vacinas. Antes, uma pequena lesão poderia levar a uma infecção grave de tétano e, frequentemente, à morte. Com a vacinação regular, especialmente em conjunto com medidas de higiene, a incidência de casos de tétano diminuiu, protegendo pessoas de todas as idades.

A magia das vacinas não se limita apenas à prevenção direta de doenças específicas. Sua influência se estende às taxas de mortalidade e à esperança de vida. À medida que doenças graves foram controladas, os índices de mortalidade infantil e adulta diminuíram consideravelmente. Com menos vidas perdidas para doenças evitáveis, as sociedades prosperaram. A expectativa de vida aumentou, permitindo que as pessoas aproveitassem mais anos de saúde e bem-estar.

Em meio aos avanços das vacinas, não podemos ignorar os desafios. Dúvidas e preocupações surgiram em relação à segurança e eficácia das vacinas, e a desinformação encontrou espaço para se propagar. No entanto, a ciência e a experiência comprovada estão do lado das vacinas. A colaboração entre pesquisadores, profissionais de saúde e comunidades é essencial para garantir que os benefícios das vacinas alcancem a todos.

O impacto da vacina na saúde pública é inegável, pois reduziu significativamente a prevalência de doenças infecciosas e salvou inúmeras vidas. No entanto, o aumento da recusa das vacinas pelos jovens representa uma ameaça a esse progresso. Ao recusarem a vacinação, os jovens não só se colocam em risco de contrair doenças evitáveis, mas também colocam em risco a saúde de populações vulneráveis, como os idosos ou os indivíduos imunocomprometidos. Essa negação pode levar a surtos e ao ressurgimento de doenças antes controladas, minando, em última análise, os esforços envidados pela comunidade de saúde e o impacto positivo das vacinas na saúde pública.



MURILO DE ALMEIDA TORRES

15 anos

Escola Estadual de Ensino Médio Irmã Laura
de Martins Carvalho

Canaã dos Carajás – PA

DIÁRIO DA VACINA



Melanie tinha uma amiga chamada Odete, mas tinha um fato diferente nessa amizade: as duas estavam em épocas distintas. Odete vivia no início do século XX, no ano de 1904, e Melanie vivia no ano de 2022.

As duas se conheceram por meio de um diário que Melanie encontrou no sótão da sua avó enquanto estava no isolamento social da covid-19. Ela acabou descobrindo que, ao escrever no diário e o colocar depois na caixa em que ele estava guardado, vinha, em resposta, uma mensagem de uma moça, que era Odete...

– Desculpa por não responder melhor. Está sendo um dia difícil hoje, pois eu e minha família acabamos de ser expulsas da nossa casa.

– Como assim? Vocês estão bem? O que aconteceu?

– Minha mãe falou que o prefeito do Rio de Janeiro ordenou destruir nossas casas. De manhã, estava tudo aqui, mas agora só restos de pedras, onde eram paredes, e móveis destruídos.

– Mas por quê?

– Mamãe não me falou, mas eu ouvi de alguns homens que era um tipo de reforma na cidade. Agora estamos indo para um morro aqui próximo. Eu devo falar que não gosto de lá. Não gosto da nossa situação e não gosto desse maldito prefeito. O que nós fizemos para sermos banidos!?! E, agora, além de termos perdido nossas casas, alguns de nós começaram a adoecer. As coisas estão difíceis. Eu não sei se eu posso ajudar ou não. Mas queria ajudar.

– Sinto muito pela sua situação... Afinal, sinto que estamos enfrentando situações diferentes, mas igualmente difíceis. Eu perdi meu tio para a covid e, mais triste que isso, não pude ir visitar ele antes que partisse.

– O que é covid?

– É uma doença causada por um tipo de vírus novo, muito contagioso, que tá afetando todo o mundo, inclusive infectou meu tio, que já tinha problemas respiratórios. Ele acabou não resistindo. E tá um clima ruim aqui em casa porque era uma morte que poderia ter sido evitada.

– Eu me lembro agora de que você já mencionou esse vírus há alguns meses. Até onde eu me recordo, você está em isolamento em razão do vírus. Em suas palavras, eram “15 dias de férias que acabaram virando dois anos”.

– Sim. Mas parece que o problema só piorou. Mesmo com o prefeito falando em usar máscara e tomar cuidado, vejo pessoas saindo sem máscara, e isso me deixa com raiva, tipo, muita raiva mesmo. Enquanto tem gente lutando pela vida nos hospitais, tem essas pessoas que acham que tudo é uma piada, inclusive nosso governo federal, que dificultou muito a adesão das pessoas à vacina – criada em pouco tempo para combater esse vírus –, o que fez com que muita gente morresse, assim como o meu tio, por causa do atraso na campanha de imunização.

– Bem, aqui também estão aparecendo doenças que têm feito muitas vítimas, mas não sei muito sobre isso. Só me lembro mais ou menos dos nomes: peste bubônica, varíola... Ou algo assim. São nomes engraçados, não?

– Bubônica é mesmo um nome engraçado. Mas, sobre a casa, eles estão retirando vocês à força? Até os doentes?!

– Sim, e estão invadindo as casas que restaram e sendo violentos com os moradores. Eles são realmente monstros.

– Violentos com as pessoas?

– Eles invadiram minha casa. Eu não estava em casa, nem minha mãe. Meu pai falou que eles chegaram injetando algo no braço dele. Falou que ia morrer, pois achava que o governo estava fazendo isso para nos exterminar. Faria sentido, afinal, eles já estavam expulsando os moradores de seus lares. Não ficaria surpresa se eles quisessem nos eliminar.

– Isso é horrível! Eles não têm consideração por vocês, não?

– Sei lá, para eles, nós somos indesejáveis. Para que nosso país seja

“limpo”, precisam nos exterminar. Eu acho que é isso. Se não somos, por que eles forçaram a entrada nas nossas casas ao invés de bater à porta, como pessoas civilizadas? Juntando ao fato da expulsão, sinto que a vacina só serve para nos exterminar. Eu tenho medo disso.

– Eu não acho que vacina seja ruim. Já ouvi, pelos meus pais, que, para nossa vida voltar ao normal, precisamos dessa tal vacina da covid. Sinto que você está com medo porque, até onde me lembro das aulas de história, a vacina chegou ao Brasil na sua época, portanto, era um acontecimento novo, algo desconhecido para a maioria... Sua família não deve se sentir assustada. Afinal, a vacina salva vidas, pode acreditar. Erro mesmo é não ter informações corretas sobre isso. Pessoas desinformadas são pessoas que acreditam facilmente em qualquer coisa que se fale.

– É verdade. Eu já ouvi dizer que, se você tomar vacina, ficará com face bovina.

– Pelo menos ficou no mamífero. Aqui, na minha época, já ouvi que a vacina transforma você em um jacaré.

– Então você acha que a vacina é algo bom? Não vai prejudicar as pessoas que a tomarem? Não iremos correr risco de vida?

– Na verdade, ficarão protegidos. Uma proteção invisível, mas que funciona!

– Te peço que fale isso pros seus pais, seus vizinhos e todo mundo que conseguir. E nunca se esqueça de que eu estou aqui por você ter feito a escolha certa, que possibilitou nossa família chegar até hoje! Um beijo, bisavó Odete!



MARIA HELENA MACEDO DE ALMEIDA

15 anos

Centro de Ensino Médio de Taguatinga Norte
Taguatinga – DF

FASCINAÇÃO, VACINA EM AÇÃO



No mundo dos sorrisos radiantes, a saúde é uma coisa de gigante. Agora vou contar uma história emocionante, com heróis e vacinas, é fascinante!

Conheçam a Vacinação, ou Vacina em Ação, a heroína principal, com seu uniforme brilhante e especial. Com agulhinha em punho, ela enfrenta o perigo, combatendo os germes com coragem e abrigo.

Crianças e adultos, todos reunidos, para um momento de poderosos sentidos. A Vacinação chega, pronta pra agir, dando superpoderes, sem destruir.

Com uma picadinha, o escudo se forma, nosso corpo aprende e a resistência se transforma. Os vilões, como gripes e bactérias ruins, não têm mais chance, graças aos seus destemidos fins.

O Dr. Cientista, nosso mestre inventor, cria vacinas novas, com muito ardor. Em seu laboratório, ele se esmera para proteger a todos a cada nova era.

A história ganha vida nessa missão. Com os heróis da saúde, protege você e outros cidadãos.

Cada vacina é um capítulo, uma conquista, na história dos superpoderes que a ciência assiste.

Então, venha, herói corajoso e animado. Não tema a agulha, não fique apreensivo ou calado. A Vacinação te dá poderes sem igual, protegendo o mundo, de forma colossal. Unidos, enfrentamos qualquer ameaça. Com as vacinas, nossa saúde não se trespassa. Nossa história termina, mas a luta continua, pelos quadrinhos da saúde, a alegria flui nua!

E, assim, encerramos com um sorriso no rosto. Nossos heróis vencem com bravura e gosto.

Mas, espere, a história ainda não acabou! Um novo desafio no horizonte surgiu, um vilão impiedoso que tenta escapar, mutante e traiçoeiro, pronto a atacar.

Nossos heróis unidos, coragem renovada, a ciência acelera, uma nova jornada. A Vacinação convoca a Liga da Saúde, com superanticorpos, a vitória é a causa que a todos atrai.

O Dr. Cientista, com seu jaleco brilhante, enfrenta o desconhecido, seu intelecto é vigilante. Ele cria um soro, poderoso e ágil, para deter o vilão, que possui um plano frágil.

Os poderes se multiplicam, a imunidade cresce, a batalha é árdua, mas ninguém adormece. As agulhinhas, agora são superlanças, enfrentam o perigo, com determinação e danças.

Eis que a vitória se aproxima, um sorriso no ar, a nova vacina triunfa, todos podem celebrar. O vilão está derrotado, a saúde prevalece. Graças aos heróis, a esperança floresce.

Crianças e adultos, todos se unem, protegendo uns aos outros, o bem se mantém. Assim, a história continua, a luta persiste. Com as vacinas e os heróis, o mal nunca vence.

Então lembre, corajoso, a lição que está clara: com as vacinas somos fortes, a saúde dispara. Como heróis destemidos, seguimos em ação, com a Vacinação, somos um supercampeão!



SEBASTIÃO POMPEU DE SIQUEIRA

14 anos

Escola Sesi Jundiáí

Anápolis – GO

LUTE COMO UMA GAROTA



Eu sempre achei que a minha missão era fazer algo grandioso e surpreendente. Algo que deixasse todos os mundos, o micro e o macro, fora do normal. Mesmo com a minha pouca estatura e quase invisibilidade, eu sempre acreditei no meu potencial. E comecei a bolar um plano.

A vida em Morceland seguia calma. Nos livros de história, aprendíamos sobre nossos ancestrais e a sua árdua luta na Batalha da Gripe Espanhola. Eu sonhava acordado, queria ser um guerreiro como eles foram. Com a mente forte, comecei a frequentar a academia para fortalecer também o corpo. “*No pain, no gain*” foi o que sempre ouvi eles dizerem. E eu queria ganhar.

Na minha cidade monótona, quando completávamos 18 viranos, ganhávamos a PPI (Permissão Para Infectar). Com a Carta na mão, podíamos sair para outros lugares mais animados, como discotecas, sorveterias e hamburguerias.

Completei meus 18 viranos no dia 10 de outubro de 2019. E, no dia seguinte, parti só com a roupa do corpo, minha PPI e uns trocados.

Na fronteira, recebi um documento oficial do governo que trazia orientações sobre as novas regras de infecção. Tudo uma grande besteira! Avisavam sobre os perigos das infecções altamente mortais e descontroladas, falavam sobre a importância de respeitarmos as regras de boa convivência entre os mundos desde a Conferência de Viralpaz. E até ofendiam nossos ancestrais dizendo que eles eram exemplo de como a desobediência poderia ser perigosa e se voltar contra a gente.

Rasguei aquela baboseira e segui viagem. Estava pronto! Me sentia pronto! Meu corpo tinha 18 anos de líquido infeccioso acumulado, e eu era uma bomba-relógio prestes a explodir. Queria honrar meus ancestrais. E assim eu fiz.

Conversei com os caras na sorveteria e combinamos tudo. Eu fui na frente e arranjei um hospedeiro. Eles foram me encontrar logo em seguida.

Armamos a emboscada toda em silêncio. Esses hospedeiros, só porque são grandes, se acham muito mais espertos. Nem desconfiaram de nada.

Organizamos nosso exército e desenvolvemos uma técnica avançada de infecção. Nosso slogan era: “De Morceland para o mundo.”

Fomos para a China e outros países asiáticos, depois para a Europa, até chegarmos às Américas e à África. Infectar é viciante! Não queríamos mais parar! Nossos ancestrais ficariam tão orgulhosos!

O outro mundo estava começando a respeitar o nosso. Éramos tão invisíveis e podíamos fazer um estrago tão visível!

Ah, o poder! É delicioso estar no comando. Estávamos vencendo de 7 a 1. Goleada!

De longe, eu comandava os batalhões. Mandava WhatsApp para a galera e organizava os números em planilhas. Batemos muitos recordes diários. Em Morceland, o prefeito sofreu impeachment e a população estava toda envolvida com a causa. Éramos milhões. Milhares. Incontáveis. Incontroláveis. Invencíveis. E eles se tornaram inumeráveis.

Entre eles, alguns aliados também nos ajudaram, é verdade. Falavam que tudo não passava de uma gripezinha e deixavam o caminho livre para a gente trabalhar. “Dias de luta” para eles. “Dias de glória” para nós.

Até que um dia escutamos na Virádio que cientistas estavam trabalhando dia e noite para nos derrotar. Não tivemos muito que fazer, além de rezar para não dar certo.

Nossos colaboradores infiltrados trabalharam incansavelmente convencendo as pessoas de que os cientistas eram os verdadeiros vilões e dando um jeito de atrasar as vacinas. E algumas pessoas começaram a acreditar que a ciência é que não prestava. A vacina é que matava. Se não fosse isso, teríamos sido derrotados rapidamente. Mas ganhamos um tempo a mais e fomos sobrevivendo com a tecnologia das mutações, tentando enganar os antivírus.

A partir daí, tudo foi uma questão de tempo. Diferentes vacinas foram desenvolvidas e ficou impossível para a gente resistir. A gente já estava cansado e enfraquecido, e eles já tinham aprendido, com a necessidade, a importância de não desistir. Até que foi uma luta bonita...

Contra as pessoas, a gente até estava conseguindo ganhar... mas, contra a ciência, ficou impossível. Ninguém jamais conseguiu.

E a vacina... Bem, a vacina não é uma garota sem nenhum objetivo. Forte, decidida, eficiente, determinada, dona do mundo. Ela é a grande vencedora dessa guerra invisível.

Enquanto eu estou aqui escrevendo neste diário velho, dentro desta prisão fedorenta em que me colocaram, lá fora tudo já voltou ao normal. Nos dois mundos.

Fomos derrotados, mas não exterminados. Não conseguimos dominar os mundos, mas todos saberão quem foi e o que fez o vírus SARS-CoV-2 em meados do século XXI.

Mas, aqui entre a gente, sobre a vacina, eu tenho uma coisa para confessar: toda vez que você precisar, é como uma garota – uma garota como essa – que você tem que lutar!



MATHEUS MONSORES MEDEIROS

12 anos

Escola Loteamento Parque Samambaia
Petrópolis – RJ

NÃO CONSIGO ENTENDER



- Oi, pai. Cheguei.
- E aí, filha? Como foi a aula?
- Ah, pai, foi normal...
- Ih... que carinha é essa? Aconteceu alguma coisa?
- Não, tá tudo bem. Só tô pensando sobre o programa que teve lá na escola hoje.
- Ah, é mesmo. “Programa Saúde na Escola”, né?
- É, esse mesmo.
- Quer me contar por que você está tão pensativa?
- Tudo que foi discutido hoje sobre a importância da vacinação me fez refletir bastante. Na nossa família, vacinar é uma questão tão simples... Não tinha parado pra pensar que não é assim pra todo mundo.
- Isso é verdade, filha. Os últimos anos foram caóticos pra saúde pública: doenças eliminadas voltaram e, logo depois, teve a pandemia. As pessoas estão deixando de acreditar que as vacinas têm o poder de salvar vidas.
- Ai, pai, tenho tantos colegas que vivem faltando porque estão doentes. Todo ano aparece alguém gripado na escola e todo mundo acaba se contaminando. Além dos casos de covid-19, que continuam crescendo com cada vez mais variantes.
- Lá, no serviço, alguns funcionários estão saindo de licença justamente por causa disso. A situação está voltando a ficar grave, mesmo tendo uma solução tão simples nas nossas mãos. As pessoas parecem não entender que, ao não se vacinarem, dão oportunidade pro vírus desenvolver novas variantes e infectar pessoas que já tinham se imunizado.

– Pois é, pai. Eles falaram sobre isso e mais um pouco com a gente. O que mais me preocupou foi o risco de tantas doenças já eliminadas voltarem. Sarampo, caxumba, rubéola, varicela, difteria, poliomielite... Tudo isso por conta da taxa de imunização que tá reduzindo a cada ano.

– Se a situação está assim, mesmo com tantas vacinas disponíveis gratuitamente pra população pelo SUS, imagina como deve ser em outros países onde o acesso a elas é bem mais complicado? Muita gente não sabe, mas o nosso Programa Nacional de Imunizações (PNI) é reconhecido como referência mundial e, por isso, já foi chamado para colaborar com campanhas e ações de vacinação em outros países.

– Nossa, eu mesma não sabia disso! É incrível! Mas é triste pensar na grande banalização dessas medidas de prevenção essenciais por boa parte do povo. Não faz sentido outros países darem mais valor à qualidade da nossa saúde pública do que nós mesmos.

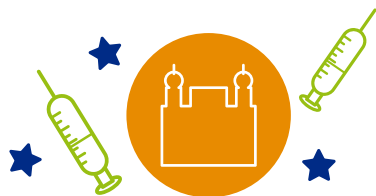
– É revoltante, né?

– E muito. Pensar que tem tanta gente lutando pra ter acesso à vacinação, enquanto os que têm simplesmente desdenham e escolhem não se protegerem... Não consigo entender.



NAMI SANO
15 anos
Centro Educacional Sesc Cidadania Elias
Bufaiçal Neto
Goiânia – GO

NATÁLIA E O BONDE DA VACINA CONTRA O VÍRUS QUE ASSOLAVA PORTO LIVRE



No coração da linda cidade de Porto Livre, onde a harmonia era presente nas ruas e nos sonhos, existia uma pequena escola. Era nessa instituição de aprendizado que Natália brilhava, aclamada como a melhor professora de ciências. Suas aulas eram um verdadeiro encanto, uma mistura de experimentos, interações, jogos e brincadeiras que prendiam a atenção de todos, além de seus alunos compreenderem quaisquer assuntos. O amor dos discentes por ela e sua paixão por ensinar eram de admirar.

Certo dia, ela passou uma atividade sobre doenças virais e levou um convidado especial, o inabalável Richard Rasmussen, para compartilhar seus conhecimentos. Durante sua palestra, ele mostrou uma visão única sobre suas incríveis jornadas pelo mundo, conduziu a turma a cada lugar que explorou, revelando um ponto fundamental de sua rotina: a necessidade de tomar vacinas. Ele destacou como essa prática se tornou uma parte crucial de sua vida, um cuidado vital para evitar doenças locais e mundiais.

Um ótimo exemplo foi sua viagem para a África do Sul, onde tomou a vacina contra a rubéola. Ele frisou a importância desse gesto, explicando como a imunização virou sua fiel escudeira, possibilitando a exploração em ambientes selvagens e o manejo de animais silvestres sem correr riscos, e falou algo muito interessante: as pessoas precisam cuidar de si e, assim, cuidar do outro. Explicou que, quando tomamos a vacina, ficamos

imunizados, ajudamos o outro a não se contaminar. Ele também disse que, sem a proteção das vacinas, as histórias que ele contou poderiam ter tomado caminhos bem diferentes, com problemas sérios de saúde ou até situações fatais. Os alunos estavam fascinados pela palestra.

Contudo, em um dia chuvoso, notícias sombrias começaram a se espalhar como fogo pela cidade de Porto Livre. O anúncio preocupante veio como um trovão: um vírus maligno, tecendo sua teia maléfica, estava gerando uma epidemia esmagadora no Brasil. O pior era a velocidade que esse vírus se espalhava, com ele vinha também o puro caos. A previsão era assustadora, o vírus chegaria à cidade em menos de sete dias. Nessa situação delicada, o prefeito da cidade, que era conhecido por sua teimosia, decidiu ignorar as recomendações do Ministério da Saúde e não fez o *lockdown* recomendado, desconsiderando todos os riscos que a população poderia sofrer.

Natália, inteligente como era, logo concluiu que essa decisão foi um erro. Levou máscaras para seus alunos, já pensando na segurança escolar. No plano de aula original, o conteúdo passado em sala seria o sistema nervoso, mas mudou às pressas para algo mais urgente: a importância da vacinação e prevenção. O que deveria ser sobre cérebro e nervos, logo virou um debate sobre a arma mais poderosa que nós humanos temos contra os vírus: a vacina.

Conforme a previsão, o vírus sombrio chegou à cidade sete dias depois da fundamental aula. Um turista infectado estava passeando nas ruas de Porto Livre, contaminando centenas de pessoas. O cenário ficou crítico. Hospitais lotados, com falta de suprimentos, e muitas mortes por falta de tratamento. Então o governador, a mando do presidente, emitiu uma nota oficial dizendo que a cidade toda entraria em *lockdown*. Um clima de tensão tomou conta do município, todos estavam apavorados, mas já sabiam o que fazer: se distanciar e se precaver.

Nessa avalanche de mudanças, a vida dos alunos também sofreu uma transformação. As portas das escolas tinham fechado, mas não as do conhecimento. Eles tiveram de se adaptar ao novo desafio: as aulas *on-line*. Os quadros viraram telas, mas, ainda assim, professores e alunos estavam juntos, mais uma vez, na eterna jornada do conhecimento.

Depois de algumas semanas, Natália proferiu um anúncio que fez os alunos ficarem boquiabertos: ela havia sido convidada para participar da equipe de cientistas da Fundação Oswaldo Cruz, a Fiocruz, pois, além de

professora, era exímia profissional no ramo da infectologia. Assim deu entrada uma nova missão importantíssima em sua vida: a participação direta no combate a esse vírus sinistro. A alegria dos alunos era enorme, bem como o orgulho, mas logo veio uma inquietação: quem daria aula de ciências? Mesmo com essa dúvida, eles a apoiaram. Tinham certeza de que ela acharia a cura para o bem de todos. A inquietação logo passou, pois eles entenderam a magnitude do que é participar da Fiocruz, estar na equipe contra a maior ameaça da época. Enquanto ela trabalhava esforçadamente, toda a cidade torcia pela professora de ciências de Porto Livre e reconhecia seu sacrifício pelo bem-estar de todos.

Após o anúncio da sua ida para a Fiocruz, Natália entrou numa jornada intensa de trabalho. Com uma equipe apelidada de “O Bonde da Vacina”, composta pelos melhores cientistas, microbiologistas, virologistas, imunologistas e pesquisadores de todo o país, ela se viu fazendo parte da História. Em meio a testes, análises e experimentos, havia um grupo unido com um só objetivo: desenvolver uma vacina para conter o vírus.

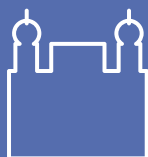
Os dias viraram semanas; as semanas, meses; porém, os esforços começaram a trazer respostas. Uma descoberta inovadora na estrutura complexa do vírus abriu uma nova porta para a criação do antídoto eficaz. Então, ali, depois de noites em claro e muita dedicação, Natália e sua equipe acharam a cura.

A notícia da vitória se espalhou pela cidade e pelo Brasil como um raio de esperança. Porto Livre se uniu e foram às pressas à escola onde Natália lecionava, pois ali era o ponto de distribuição da vacina. Uma fila quilométrica se formou. Todos queriam ser imunizados, sorrisos surgiam a cada dose aplicada. O trabalho da Fiocruz não foi em vão. Todos estavam imunizados, e o vírus enfraqueceu até ficar irrisório, pois todos os organismos já estavam preparados para lidar com ele.

A saga de Natália e sua equipe foi contada por gerações, não apenas como uma história de determinação, resiliência e dedicação, mas também como uma história de união. O bonde da vacina demonstrou o poder da vacina: mais do que um simples líquido injetado, é um antídoto crucial para a humanidade, capaz de deter doenças mortais e proteger vidas preciosas. A vacinação tem um papel vital na proteção da saúde pública, porque fortalece o sistema imunológico contra doenças perigosas; não só protege os indivíduos vacinados, mas também cria uma barreira de imunidade coletiva, reduzindo a propagação das doenças na comunidade. Não

apenas salva vidas, mas também evita surtos e epidemias, garantindo um futuro mais saudável para todos.

A vacinação é uma ferramenta poderosa para prevenir doenças e preservar a qualidade de vida. Porto Livre viu-se liberta da ameaça que um dia existiu sobre ela, o prefeito negligente foi afastado e a lição permaneceu: um final feliz é possível, mesmo quando a jornada é árdua. Esta história é como um lembrete eterno de que a ciência e a cooperação, unidas à conscientização, podem superar até os desafios mais implacáveis da humanidade.



RAPHAEL DOS ANJOS TELES
13 anos
Educandário Pedacinho do Céu
Salvador – BA

O BONDE DA VACINA



Num sábado como qualquer outro, Bernardo fez uma Tarde de Jogos com seus amigos Lucas, Yuri e Manuella. Eles estavam jogando um jogo de aventura, que era atualizado de acordo com o que acontecia no mundo.

– Olha, gente, este jogo está atualizado em relação à pandemia! Vejam as vacinas! – exclamou Lucas, surpreso.

– Sim, mas tem vacinas para outras doenças também, tipo gripe, febre amarela e tals! – disse Bernardo.

Todos jogavam tranquilamente, até que o videogame começou a fazer uns barulhos estranhos, a brilhar e a puxar o ar.

– Bê! Seu videogame costuma brilhar tanto? – perguntou Manuella, assustada.

– É claro que não! – respondeu Bernardo.

Em menos de dez segundos, foram sugados para dentro do videogame. Ficaram confusos sobre onde estavam, mas Yuri já havia descoberto.

– Ah, legal! Viemos parar dentro do videogame! Na verdade, já vi isso em algum lugar...

– Não! Tá de brincadeira! – disse Lucas, indignado.

Eles não tinham tempo para discutir; afinal, aquele lugar era totalmente novo para eles. Como Yuri já tinha conhecimento sobre jogos como aquele, descobriu as fraquezas e resistências de cada um:

Manu: resistente a febre amarela; vulnerável a dengue e covid-19

Lucas: resistente a dengue; vulnerável a sarampo e covid-19

Yuri: resistente a rubéola; vulnerável a gripe e covid-19

Bernardo: resistente a varicela; vulnerável a meningite e covid-19

O objetivo deles era: se vacinar contra todas essas doenças, para conseguirem a “IMUNIDADE SUPREMA”.

Tudo o que os jovens tinham que fazer para conquistar as vacinas era ir aos dois Reinos Doentes, o mais rápido possível.

– Vamos, não temos tempo a perder! – disse Yuri, animado.

Foi uma viagem longa, mas os aventureiros chegaram ao primeiro reino. Sem nem pensar muito, foram direto ao palácio.

– Sejam bem-vindos, jovens! – cumprimentou o rei. – Eu sou o rei Denguinos, e essa é minha esposa, rainha Rubélia.

– Olá, Vossa Majesta... – Bernardo ia cumprimentando, mas foi interrompido.

– Vamos direto ao ponto! – disse Manuella, apressada. – Precisamos das vacinas!

– Muito bem – afirmou a rainha. – Nossa filha Sarâmpolla buscará.

A princesa buscou as vacinas, que foram dadas ao quarteto.

– Mais uma coisa! – lembrou a princesa. – Vacinas salvam vidas!

Os jogadores haviam ganhado a cura para quatro doenças. Meio caminho andado. Mas eles tinham que ir ao segundo reino, que era mais próximo, para sua sorte.

Quando chegaram, viram um baú com uma placa que dizia: “Diga uma verdade sobre as vacinas.”

– Bom, existem muitas verdades; elas doem, é uma sensação horrível... – disse Lucas. – Porém, elas são nossa salvação.

O baú se abriu, e as vacinas, ou melhor, as fontes de imunidade, saíram de lá e caíram nas mãos dos jogadores.

– Só isso? Muito fácil! – debochou Bernardo.

– Agora só falta a da “Doença-Mãe” – disse Yuri, preocupado. – A... covid-19...

Era a última doença restante; eles só precisavam ir até sua fonte e dizer uma frase de muita motivação.

– Chegamos – disse Lucas. – Ali está a fonte de imunidade da doença!

Todos se reuniram em volta da fonte deram as mãos e disseram:

“As vacinas são nossa salvação; se vacinar é proteger a si e ao próximo!
VACINAS SIM!!”

Tudo brilhou, ninguém se viu mais, pelo menos não antes de voltarem ao mundo real.

– Wow! Isso foi muito louco! – disse Manuella, animada. – Por que não damos um nome para o nosso bonde?

Foi por causa dessa pergunta que, desde aquele dia, eles são conhecidos como o Bonde da Vacina.



MIGUEL DE OLIVEIRA ANDRADE

13 anos

Escola Cultura Viva

Juiz de Fora – MG

O BONDE DA VACINA DOS AMIGOS



Em março de 2020, eu já havia sido adotado. Já estava com minha nova família há oito meses. Mas muitos amigos ficaram no abrigo, ou na instituição de acolhimento, como minha mãe me ensinou a dizer. Na verdade, no Brasil, já teve muitos nomes: já foi chamado de orfanato, de abrigo, de casa acolhedora, de lar das crianças, de casa das crianças... Pode ser até que, no futuro, o nome mude de novo e passe a se chamar Lar dos Amigos. Sim, é um nome bonito, porque no abrigo, ops!, na instituição de acolhimento, a gente faz muitos amigos.

Em março de 2020, eu estava estudando numa escola muito legal, bem diferente da antiga escola que eu estudava, mas que, também, era muito legal. Numa sexta-feira, todos nós, os amigos, fomos, muito contentes, conhecer o Museu Cândido Portinari, em Brodowski. E, de repente, na segunda-feira, fomos avisados de que só era para ir à escola até a sexta-feira daquela semana. Minha mãe ficou com medo e nem me deixou ir mais a nenhum dia.

Em março de 2020, eu só ouvia todo mundo dizer em casa, no prédio em que eu morava e na TV: coronavírus. Isso ficava passando pela minha cabeça: coronavírus, coronavírus. Aprendi que o nome era porque o vírus tinha formato de coroa, mas por que então ele não se chamava Coroa Vírus? Eu achei que, uns 15 dias depois, voltaria para a escola e reencontraria meus amigos, mas que nada! Março foi o último mês, naquele ano, em que os vi.

Em março de 2020, começou o ano mais longo da minha vida, o ano sem amigos. Eu brincava com meu irmão, e meu irmão brincava comigo. Acho que me esqueci de contar que tenho um irmão. Um não; na verdade, tenho vários, meninos e meninas. Mas meu irmão e eu fomos adotados juntos e, especialmente naquele ano, ele era meu único amigo, e eu era o único amigo dele.

Em março de 2020, eu comecei a sentir muita saudade dos meus amigos do abrigo, ops!, da casa de acolhimento. Imagine, eu tinha um monte de

amigos, uma grande família, e de repente éramos eu, meu irmão e minha mãe. Eu, meu irmão, minha mãe e uma cirurgia a caminho. Acho que também não contei que sou cardiopata. Precisei passar por um cateterismo no meio da pandemia. Nunca ninguém soube que eu era cardiopata, e olha que é simples o que eu tenho perto de tantas outras cardiopatias... Minha mãe diz que descobrir que eu tinha uma cardiopatia somente quando eu tinha 11 anos é um caso grave de violação de direitos e mostra o quanto a saúde pública não chega como deveria chegar às instituições de acolhimento.

Em março de 2020, eu pensava muito nos meus amigos do Lar dos Amigos (resolvi chamar assim e pronto). Como será que estava a vida deles? Podiam brincar? Usavam máscaras? Será que tinham álcool em gel? Falavam de muita coisa na TV, mas não vi ninguém falando em como estavam as crianças que moravam em Lares dos Amigos. Falavam das penitenciárias, falavam dos Lares dos Amigos Idosos, falavam dos mosteiros e dos conventos... Depois eu soube que foi um período difícil para meus amigos também, tanto os da escola nova, quanto os da escola antiga e os do Lar dos Amigos. Foi difícil pra todo o mundo, todo o MUNDO mesmo.

Em agosto de 2021, eu tomei a vacina. Tomei antes dos amigos por causa da cardiopatia. Meus amigos da escola nova também foram tomando, meus amigos do Lar dos Amigos também. A vida foi voltando a ficar como antes, ou um pouco como antes. O bonde da vacina foi passando, todo mundo foi entrando nesse bonde desprotegido e saindo protegido.

Esses dias me peguei pensando: se não fosse o bonde da vacina, a ciência, as cientistas e os cientistas, as enfermeiras e os enfermeiros, as médicas e os médicos, tanta gente empenhada para a vacinação, eu não teria tantos amigos como tenho hoje, três anos e cinco meses após aquele triste março de 2020.

Que bom que meus amigos e eu entramos no bonde, assim posso estar aqui contando esta história.

Obrigada, Vacina!



MIKAEL AUGUSTO BRAGAGNOLO DANIEL
15 anos
Escola Estadual Alberto Santos Dumont
Ribeirão Preto – SP

O PESAR DO MANUSCRITO



Senti o impacto da bala em meu abdome ao cair em meio aos fragmentos das evidências da fúria dos revoltosos. A única força que me restava era suficiente apenas para me esconder entre as ruínas, tendo a visão de todo aquele horizonte massacrante. Lutavam, na escuridão, os contrários à implantação obrigatória da vacina e, do lado oposto, os agentes de saúde e os militares, grupo do qual eu participava, apoiando a vacinação.

Estupefato estava com tal visão. Espelho do que a capital tinha se tornado: apenas ruínas.

Eu sabia que mais horrores estavam por vir. O Rio de Janeiro, naquelas circunstâncias, estava à beira de perder o status de cidade...

Conseguia enxergar, ainda que precariamente, o fogo enraivecido nos olhos do povo. Tal intensidade me fez entender que essa revolta não procurava vencer, era somente um reflexo de uma angústia adormecida dentro do peito.

Jazia um corpo pequeno e indefeso ao meu lado. Era um menino. Senti uma pontada, não só por essa descoberta, mas pela minha ferida, que sangrava ainda mais depois da minha tentativa de tentar descobrir se ele ainda tinha chance de estar com vida. Seu olhar calmo e petrificado, somado à palidez e à falta de oxigênio correndo em seus pulmões, me indicava que a morte já lhe dera boas-vindas. Aquele fato me assustava. Entendi que todos se misturavam nessa luta, nesse motim, sem nenhuma fisionomia, guiados pelo ódio e pelo rancor ocultos contra o governo. Uma verdadeira manifestação de ferocidade. Todo esse fervor não vinha apenas de uma reação à vacina, mas, sim, contra a história. A utilidade da vacina, reconheciam, porém lutavam contra a forma que a mesma era aplicada. Muitos morreram e muitos morreriam. Não havia diferença em relação a

sexo ou idade. Bastava não querer se submeter a nenhuma lei ou forma de crueldade. Lei essa que rompia com o direito da liberdade de escolha. Sem qualquer preparação psicológica ou qualquer informação. Pela menor informação, guerreavam, arriscavam suas vidas sem temor contra o abraço da morte. Não compreendiam que cuidando de si, cuidavam do outro. A falta de informação impedia de enxergar a verdade e a esperança de acabar com a varíola.

Lágrimas de luto rolaram de meu rosto quando terminei de ler a folha amarelada entre minhas mãos. Encontrei o texto, cuja autoria era do meu bisavô, escondido pelo tempo e pela poeira. Primeira vez que o revia, mesmo que por palavras, depois de seu falecimento. Não imaginaria que seria assim que o reencontraria. Militar e escritor e com uma vasta bondade e percepção. Com muita razão, ele escrevia e contava as experiências que a longa vida somou.

Hoje, a desinformação continua e, por causa dela, muitos são vitimados. Não entenderam ainda que a vacina é um dos métodos mais eficazes para a prevenção de doenças e, por sua ação, muitas já foram controladas.



PEQUENAS BORBOLETAS, GRANDES MUDANÇAS: COMO VACINAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO MOLDAM O MUNDO



Vocês já devem saber que o nosso mundo é todo interconectado, como um intrincado quebra-cabeça em que cada peça se encaixa perfeitamente para formar a imagem completa. Essa teia invisível de relações e interações vai além de fronteiras e barreiras, ligando nossas vidas de maneiras surpreendentes e imprevisíveis. Em um mundo interconectado, nossas ações podem ecoar muito além do que imaginamos, moldando o destino coletivo com cada escolha que fazemos.

Imagine o efeito de uma simples borboleta agitando suas asas em um canto distante do mundo. Esse pequeno movimento pode, ao longo do tempo, provocar uma série de mudanças que culminam em algo tão imenso quanto um furacão. Essa é a essência do famoso Efeito Borboleta, um fenômeno que ilustra como uma ação aparentemente insignificante pode gerar consequências significativas em uma escala maior.

E é exatamente nesse ponto que a vacinação entra em cena como uma escolha individual que impacta profundamente na saúde coletiva. Quando optamos por cuidar de nossa própria saúde por meio da imunização, estamos criando um escudo de proteção que se estende para além de nós mesmos. É como se cada vacina recebida fosse uma peça que se encaixasse nesse quebra-cabeça global, fortalecendo a resistência de toda a comunidade contra doenças e ameaças à saúde. Uma verdadeira batalha. Uma verdadeira mágica.

A vacinação não é apenas um ato de autopreservação, mas um ato de solidariedade. É como se, ao entrarmos no bonde da vacina, estivéssemos dando as mãos em uma dança coletiva em prol da saúde. Ao receber a vacina, estamos contribuindo para uma imunidade coletiva, na qual os mais vulneráveis são envoltos por uma barreira protetora. Pense nos idosos, nas crianças pequenas e nas pessoas com condições médicas preexistentes. Nossa escolha de nos vacinarmos se transforma em um gesto de cuidado para com eles.

Mas, como toda moeda tem dois lados, o Efeito Borboleta pode ter consequências inesperadas: a disseminação de informações falsas também pode causar estragos imensuráveis. A desinformação sobre vacinas, por exemplo, pode gerar dúvidas infundadas e minar a confiança na ciência médica. É como se um rumor malicioso pudesse desencadear uma tempestade de incertezas, colocando em risco a saúde pública e danificando o progresso conquistado pela medicina.

Por conta disso, a conscientização desempenha um papel fundamental. Assim como a borboleta que, por meio de suas asas, altera o curso do vento, nós também temos o poder de influenciar o ambiente em que vivemos. A disseminação de informações precisas e baseadas em evidências é muito importante. Cada conversa que temos, cada postagem que compartilhamos, cada vez que desmascaramos um mito, estamos agindo como as asas dessa borboleta, provocando mudanças em nossa comunidade.

A conscientização precisa ser um ato coletivo, contando com a ajuda de cada um de nós. Quando nos unimos para compartilhar informações verdadeiras sobre vacinação, estamos formando uma corrente de conhecimento que dissipa as sombras da desinformação.

E aqui está a beleza desse processo: cada ação, por menor que seja, contribui para o todo. Cada pessoa que escolhe cuidar da sua saúde e promover a conscientização está contribuindo para um ciclo virtuoso de proteção.

É como se estivéssemos tecendo um manto de saúde que envolve a todos nós, fortalecendo nossa resiliência diante de desafios de saúde. Ao cuidarmos de nós mesmos, estendemos nossa proteção a todos ao nosso redor.

Portanto, nós devemos nos lembrar sempre de que nossas ações têm impacto. Como belas borboletas muito conscientes, podemos criar um furacão de mudança positiva, garantindo um futuro em que o cuidado coletivo seja a base de uma sociedade mais forte e saudável. Podemos desencadear uma transformação que torne nossa realidade mais segura, saudável e inspiradora.

Você tem o poder da mudança.



KAROLINA ROSA DE OLIVEIRA
14 anos
Escola Sesi Jundiáí
Anápolis – GO

SERÁ QUE É *FAKE NEWS*?



O cenário atual brasileiro, no que tange à saúde pública, revela uma grande preocupação em relação às várias doenças que já foram eliminadas no país há alguns anos, como a poliomielite e o sarampo, que estão voltando a ser um problema. Infelizmente, a população não está dando a devida importância às campanhas de vacinação, e um dos motivos para esse fato pode estar ligado à falta de informação aliada à desinformação causada pelas *fake news*, que disseminam mentiras e provocam o medo na população. No entanto, a população precisa se conscientizar de que, ao não se vacinar, na verdade, está deixando outras pessoas expostas a doenças que já não eram mais preocupação e colocando a vida de muitos em risco.

Quando as pessoas se vacinam, não só se protegem, mas também a toda a sua comunidade, garantindo mais qualidade de vida e saúde. Quanto mais pessoas vacinadas, menos são os casos de doenças infecciosas, já que a vacina evita transmissões em massa, que podem causar sequelas graves ou até levar a óbito, grandes ameaças principalmente para crianças e idosos.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), as vacinas salvam cerca de quatro milhões de vidas anualmente. Além disso, o infectologista Fernando Bellissimo Rodrigues, professor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP), da Universidade de São Paulo (USP), destaca que as vacinas não só prolongam a vida, mas dão muito mais qualidade para a vida das pessoas de qualquer faixa etária.

A história da vacinação começou no século XVIII e, desde então, já conteve diversas epidemias. Elas funcionam promovendo a imunização ativa, na qual antígenos são introduzidos no corpo induzindo-o a produzir anticorpos, tornando a pessoa imune à doença contra a qual foi vacinada.

Um dos mitos mais populares é que as vacinas têm vários efeitos colaterais prejudiciais e de longo prazo, que ainda são desconhecidos. Refutando essa afirmativa equivocada, o Ministério da Saúde afirma que as vacinas são extremamente seguras; a maioria das reações é pequena e temporária. A organização afirma que é mais provável uma pessoa adoecer por uma enfermidade evitável pela vacina do que pela própria, e que os benefícios da imunização superam o risco, considerando que muitos outros danos e muitas mortes ocorreriam sem a vacina.

Portanto, não há dúvidas da importância de verificar as informações fornecidas pela internet para não cair em *fake news*: sempre considerar as fontes, investigar e não acreditar em tudo o que se é falado. Trata-se da sua saúde, da saúde das pessoas importantes para você e da saúde da sua comunidade. O bonde da vacina está aqui para avisar que é essencial cada um fazer a sua parte: a vacinação é um ato de empatia, solidariedade e amor.



PAULA ABREU DE CARVALHO

14 anos

Instituto Educacional Manoel Pinheiro

Belo Horizonte – MG

UM BREVE DIÁLOGO NO POSTO DE SAÚDE



— Ô, tio Walter, o que que há contigo, hein? Parece criança, homem! Vamos logo com isso, que eu tenho hora.

O senhor Walter, resmungando um protesto monológico, se recostava no banco desgastado do posto de saúde. Acariciava o queixo enrugado com fervor, ansioso.

— Eu não gosto dessas coisas, não — disse, com irritação.

— Ah, era só o que me faltava, tio Walter! — Cristiane retrucou, impaciente. — Um homem com 60 anos na cara fazendo birra pra não se vacinar. Tá com medo da injeção, é?

— Claro que não, Cristiane, que ideia é essa! O negócio é que esse negócio dessa vacina aí não é seguro, não, entendeu? — progrediu por entre uma tentativa de interrupção da mulher, gesticulando firmemente. — Se você visse as coisas que eu te mando, você teria visto o que eu vi, aí você veria que isso daí é ruim, tá bom?

— Eu vejo aqueles absurdos que você manda, sim, tio Walter. Aliás, acho que quem não vê é o senhor, viu?

Sacou o celular do bolso como uma arma. Pôs o aparelho na frente do seu interlocutor, com um aplicativo aberto.

— Olha aqui essa matéria que o senhor me enviou: “Vacina da covid-19 é mais uma manobra para a DOMINAÇÃO DOS REPTILIANOS.”

Cristiane aumentou o tom da voz para imitar a caixa alta da manchete. Por um instante, uma médica, no fim do corredor, fulminou-a com o olhar.

— Não, não — disse Cristiane, percebendo o acontecido. Olhou Walter de soslaio. — A que acredita nessa loucura não sou eu, não.

E voltou-se para o senhor enquanto a doutora entrava em sua sala.

— Pois bem, tio Walter, olha o que está logo embaixo desse título.

— Tem o meu áudio, poxa.

— Não, não o seu áudio de 25 minutos. Tô falando do que tá antes disso. Bem aqui, ó: noticiasduvidosas.com. Sabe o que é isso?

Walter não sabia.

— É o site, tio Walter! O site que publicou essa matéria.

O homem balançou a cabeça e soltou um murmúrio mudo, como se falasse consigo mesmo.

— Mesmo assim... Eu não confio nessa vacina, Cristiane — constatou. — E não vou tomar ela.

— Olha só, tio Walter — ela brandia a carteira da vacinação no ar, como uma espada. — Essa vacina foi feita pelos melhores profissionais do mundo, entendeu? Foi estudada, testada, testada de novo, testada mais uma vez, e de novo, e outra vez, e assim vai. E foi declarada segura. Afinal, foi feita justamente pra todo mundo tomar, ficar livre da doença e livrar os outros da doença também. Daí chega um povo negacionista, que não tem nada de bom pra fazer da vida, e sai espalhando notícia falsa pra enganar as pessoas. E muita gente é enganada.

Walter olhou para baixo. Seu orgulho fraquejou um pouco.

— E, com isso — prosseguiu —, não são só os enganados que são prejudicados. É prejudicado até quem tomou a vacina, porque, como menos gente se vacina, a doença ainda fica solta por aí. Então, tio Walter, se não for por você, vai lá tomar essa vacina por mim. Por favor. Eu juro que nada de mau vai acontecer contigo por causa disso.

O senhor Walter, resignado, preparou-se para se levantar.

— Acho que devo me preocupar menos com os reptilianos — concluiu ele.

— E vamos logo — acrescentou Cristiane, comemorando o sucesso internamente –, que eu tenho hora.



DANIEL DA SILVA CAMPOS ALMEIDA

14 anos

Colégio Pedro II

Rio de Janeiro – RJ

UM POUCO DE VÊNUS NO MEU CORPO



O COMEÇO

O ano era 2046. A humanidade tinha avançado exorbitantemente em relação à tecnologia. Criamos coisas que pessoas de 20 anos atrás nem imaginavam que poderiam ser feitas. Por causa disso, começamos a necessitar de cada vez mais recursos de produção e, com o apoio de todos que também desejavam saber mais sobre o espaço, se iniciou a chamada “exploração interestelar”, pela qual toda a espécie humana começou a ir além, em busca de novos planetas.

Começamos pelo nosso sistema solar. O primeiro alvo foi Marte. Tudo ocorreu conforme o esperado. Descobrimos muito sobre o planeta vermelho e sobre o que ele possuía. Ficamos muito impressionados, tanto em relação a sua história, quanto aos seus recursos naturais.

Decidimos partir para Vênus. Seria uma tarefa mais difícil, devido à alta temperatura e à sua atmosfera tóxica. Porém, esse não seria nem de longe o maior dos nossos problemas. Ao chegar lá, tivemos que usar trajes especiais para entrar no planeta. Logo começamos as pesquisas e, para a nossa surpresa, foi encontrada uma forma de vida em sua atmosfera, um microrganismo que ainda não tinha sido muito bem identificado. Ele foi levado até uma base para melhor análise.

Notou-se, então, que aquilo era um vírus, extremamente contagioso e mortal, com a capacidade de matar uma pessoa em menos de três dias. Atacava principalmente o sistema nervoso. Ele foi chamado de XT-42 e, futuramente, seria conhecido pela população como “chaos”. E foi aí que tudo começou a dar errado.

A CATÁSTROFE

Especula-se que um dos cientistas entrou em contato direto com o vírus, transmitindo-o para todas as pessoas que o rodeavam. Desesperados, todos voltaram para a Terra, permitindo que o vírus se espalhasse por todo o planeta a uma velocidade gigantesca. Em menos de três meses, se tornou uma pandemia mundial, sendo considerada a pior de toda a história.

Em cinco meses, estavam acontecendo mortes em massa. Mais de 30% de toda a população havia sumido, e todas as pessoas que haviam sobrevivido estavam completamente isoladas em suas casas.

Um ano se passou. O vírus estava bem mais contido, porém ainda era uma ameaça. Cientistas trabalhavam 24 horas tentando encontrar uma cura para a doença mas, como se tratava de um alienígena, acabava que qualquer tentativa era completamente ineficaz.

Nesse meio-tempo, o XT-42 só foi se espalhando cada vez mais e, mesmo com todos completamente isolados em suas casas, a taxa de mortalidade ainda era alta.

Pela falta de trabalhadores, a economia foi uma das partes mais afetadas. Grande parte das empresas havia falido. Entretanto, naquele momento, todos estavam tão desesperados que isso não importava mais.

Estava cada vez mais difícil conseguir alimento. Tudo o que tínhamos deveria ser poupado ao máximo. Com isso, ocorreram muitas mortes, agora não por causa do vírus diretamente, mas, sim, por causa da fome.

Até que um dia houve um milagre. Cientistas conseguiram criar uma vacina a partir do material coletado em Vênus. As vacinas são um produto biológico que estimula a defesa do corpo contra alguns microrganismos, os vírus e as bactérias que provocam doenças. Podem ser produzidas a partir desses mesmos microrganismos enfraquecidos, desativados, ou até de algum dos seus derivados. Quando o nosso corpo os percebe, começa a criar defesas, se preparando melhor para quando algo realmente possa nos ameaçar a vida. Para simplificar, as vacinas servem para melhorar a defesa do nosso corpo contra um determinado vírus ou bactéria que causa doenças.

O problema é que nem todas as pessoas pensavam assim. Muitos acreditavam que essa vacina contra o XT-42 não funcionava e só prejudicava nosso corpo. Infelizmente, eu era uma dessas pessoas.

Nunca realmente me importei. Achava que o vírus não era nada de mais.

Sempre considerei que a vacina era completamente inútil e, no fim, além de eu colocar em risco quem eu amava, também me pus em risco.

O FIM

Há alguns dias, comecei a me sentir muito mal. Estava muito fraco e com sintomas fortíssimos. Decidi fazer o teste para o XT-42. O resultado deu positivo.

Nos dias seguintes, minha situação só foi piorando. Tive que passar a morar na cama de um hospital, pois mal me aguentava em pé. Estou sentindo dores que eu nunca achei que sentiria em toda a minha vida. A previsão é que eu só aguento até amanhã. Durante esse tempo, fiquei me perguntando: e se eu tivesse tomado a vacina? Será que o resultado desta história seria diferente?

Neste momento, estou com os dias contados, mas, antes de partir, gostaria de pedir a todos que me leem: façam o que eu não fiz.

Aqui é Ayrton Santos falando pela sua última vez.



HUGO DE SANTANA MENDES
13 anos
Colégio Pedro II
Rio de Janeiro – RJ

UNIDOS PELO BEM: A JORNADA DO BONDE DA VACINA EM CUIDAR DE SI PARA CUIDAR DO OUTRO



O sol despontava no horizonte enquanto a cidade ganhava vida. Era um dia especial, marcado pela esperança que pairava no ar como uma brisa suave. O Bonde da Vacina estava prestes a partir, um símbolo tangível da solidariedade e do compromisso de uma comunidade em cuidar de si mesma para, assim, cuidar do outro.

As ruas estavam enfeitadas com faixas coloridas e cartazes que propagavam mensagens de encorajamento e unidade. O bonde, normalmente reservado para o transporte cotidiano, havia sido transformado em uma clínica móvel. Pessoas de todas as idades se reuniram na parada, ansiosas para embarcar no Bonde da Vacina e dar um passo em direção à proteção contra uma ameaça invisível, mas devastadora.

Maria, uma jovem médica, estava entre os voluntários que conseguiram essa iniciativa. Ela acreditava profundamente na importância da vacinação não apenas para a própria saúde, mas também para a saúde coletiva. Enquanto ajustava sua máscara e preparava as doses, lembrava-se das histórias que ouvia de suas avós sobre epidemias passadas. Aquelas narrativas traziam à tona a realidade de como as doenças podiam se alastrar rapidamente, causando dor e sofrimento.

À medida que o Bonde da Vacina se aproximava de um novo bairro, a energia contagiante da multidão se intensificava. As pessoas aguardavam pacientemente em fila, cada uma delas consciente de que tomar a vacina

não era apenas uma escolha pessoal, mas um ato de responsabilidade em relação aos outros membros da comunidade. Os olhares ansiosos se transformaram em sorrisos de alívio após a injeção. Um breve momento de incômodo era um pequeno preço a pagar pela segurança de todos.

Enquanto o dia avançava, o Bonde da Vacina percorria diversos bairros, atravessando ruas estreitas e praças movimentadas. O som das conversas e risadas preenchia o ar formando um contraste com os tempos de isolamento que a pandemia havia impingido. As pessoas não estavam apenas recebendo uma dose de vacina, mas também uma dose de esperança renovada.

No entanto, o Bonde da Vacina também enfrentou desafios. Algumas pessoas ainda tinham dúvidas e preocupações sobre a vacina, alimentadas por informações contraditórias. Maria e os demais voluntários se dedicaram a fornecer informações claras, demonstrando que a ciência endossava a segurança da vacinação. Gradualmente, a desconfiança cedia espaço para a compreensão.

Ao fim do dia, enquanto o sol mergulhava no horizonte e a noite tomava conta da cidade, o Bonde da Vacina encerrava sua jornada. Milhares de pessoas tinham sido vacinadas, e a sensação de comunidade fortalecida era palpável. O ato de cuidar de si havia transcendido a esfera individual, envolvendo-se em um compromisso coletivo.

O Bonde da Vacina representava mais do que apenas um meio de transporte temporário. Ele personificava a capacidade da humanidade de se unir diante de desafios globais. Aquele dia permaneceria na memória das pessoas como um indicador de que, quando todos se unem com um propósito comum, é possível superar as adversidades mais difíceis. Cuidar de si para cuidar do outro não era apenas um slogan, mas sim uma lição valiosa que ecoaria muito além daquele dia vivido.



GEOVANA RODRIGUES DE SOUZA

16 anos

Escola Politécnica Joaquim Venâncio
Rio de Janeiro – RJ

VACINA - PROTEGENDO VOCÊ, PROTEGENDO QUEM VOCÊ AMA



A vacina: um poderoso ato de cuidado em nossa sociedade. Ela representa a esperança de proteção não apenas para nós mesmos, mas também para aqueles ao nosso redor. É um gesto de solidariedade que nos diz: cuidar de si é cuidar do outro.

A história da vacinação remonta a séculos atrás, quando cientistas e médicos dedicaram suas vidas à busca de uma forma de prevenir doenças e salvar vidas. Graças a esses esforços, hoje, temos vacinas que nos protegem de diversas enfermidades, como sarampo, poliomielite e gripe.

No entanto, a importância da vacina vai além da proteção individual. Quando escolhemos nos vacinar, estamos contribuindo para a proteção coletiva, pois ajudamos a criar uma barreira imunológica que impedirá a disseminação de doenças e evitará que outros indivíduos vulneráveis se infectem. Cuidar de si através da vacina é, portanto, uma maneira tangível de cuidar do outro.

Nesse contexto, a pandemia da covid-19 veio como um lembrete poderoso acerca da importância da vacinação. O desenvolvimento de vacinas seguras e eficazes desenvolvidas por cientistas capacitados em tempo recorde representa um avanço científico sem precedentes. Cientistas como Jaqueline Goes de Jesus – biomédica brasileira, da Bahia, responsável por coordenar a equipe que mapeou o genoma do novo coronavírus em apenas 48 horas após o primeiro caso de covid no Brasil, atualmente profissional da Fundação Oswaldo Cruz, a Fiocruz, além de ser professora adjunta de Bioquímica da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – e Sue Ann Costa Clemens – também brasileira, carioca, especialista no combate a doenças infecciosas,

que coordenou os testes da vacina Oxford/AstraZeneca em nosso país e, hoje em dia, trabalha na Universidade de Siena, na Universidade de Oxford e na Fundação Bill e Melinda Gates – tiveram um papel importante nesse combate. Agora, mais do que nunca, a vacinação se tornou uma ação essencial para combater a propagação do vírus.

Cuidar de si para cuidar do outro também significa estar informado sobre as vacinas. É crucial buscar conhecimento nas fontes confiáveis, como órgãos de saúde e especialistas, para entender os benefícios e possíveis efeitos colaterais das vacinas disponíveis. Assim, podemos tomar decisões fundamentadas e transmitir informações precisas para aqueles ao nosso redor.

Além disso, a vacina nos lembra da solidariedade e empatia que devemos ter uns pelos outros. O ato de se vacinar é uma declaração de senso de responsabilidade pelo coletivo. Ao tomar a vacina, estamos colocando a saúde e o bem-estar de nossa comunidade em primeiro lugar.

Portanto, a vacinação representa um marco significativo no cuidado de si para cuidar do outro. Ao receber a vacina, estamos escrevendo uma história de proteção e esperança para as gerações futuras. Que esse seja um legado duradouro, que inspire nossa sociedade a se unir compartilhando o presente do cuidado mútuo.



ÁLEF SAYMON DA SILVA RAPHAEL

14 anos

Escola Sesi Jundiáí
Anápolis – GO

VACINA É AMOR



Nos últimos anos, vivenciamos um período amedrontador e caótico com a pandemia de covid-19. Nesses anos, a ciência obteve êxito em criar uma vacina que protagonizou o controle da doença de forma que não fosse mais considerada um grande risco para a saúde pública. A vacinação, historicamente, tem sido capaz de grandes feitos, como eliminar a poliomielite de vários países e erradicar a varíola no ano de 1980. No entanto, por mais que as vacinas possam ser eficazes e fundamentais à saúde da população, há pessoas que enxergam a vacinação com outros olhos.

Nos tempos da varíola, o imunizante não era bem-visto pelo povo, que não estava acostumado com a ideia de vacinação. Isso fez com que surgissem diversos boatos. Um deles era de que aqueles que se vacinassem ganhariam feições bovinas. Foi, então, aprovada uma lei que exigia comprovante de vacinação contra a varíola para realizar matrículas em escolas, para viajar e até mesmo para obter emprego e certidões de casamento. Além disso, aquele que resistisse à vacinação seria multado. A situação se intensificou ao ponto de as pessoas terem suas casas invadidas para serem vacinadas.

Tudo isso gerou uma grande discussão sobre o Estado estar desrespeitando a decisão dos cidadãos sobre os próprios corpos. Devido à precariedade dos meios de comunicação e à falta de informações sobre vacinas, o desespero público em relação ao imunizante na época da varíola é compreensível. Entretanto, neste período da pandemia de covid-19, muitos ainda se recusam a se vacinar em razão de falsas informações sobre

a vacina, como a de que o imunizante estaria relacionado à transmissão de HIV e de que a CoronaVac não teria comprovação científica. Mesmo com a disponibilidade de informações que temos atualmente e mesmo com a vacina tendo sido considerada segura, muitos ainda a questionam.

Com tudo isso, é possível afirmar que há uma grande necessidade de conscientização do povo a respeito das vacinas, principalmente das crianças, já que devem aprender desde novas que se vacinar é proteger a nós mesmos e aqueles à nossa volta. É importante considerar os benefícios que as vacinas já nos trouxeram ao longo dos tempos e como a ciência está evoluindo para a melhora da saúde de todos. A vacinação é um meio de imunização da população que envolve respeito e consideração ao próximo e que conseguiu mudar o mundo de maneira substancial.

Sem as vacinas, a quantidade de doenças no mundo seria bem maior e afetaria a expectativa de vida e o tamanho da população, e mais doenças surgiriam em densos meios urbanos. Então, não só por você, mas por todos aqueles que você ama, por aqueles que você nunca viu, pelo seu futuro e de todos, se vacine, é um gesto de amor.



RACHEL FERNANDES GARVALHO
13 anos
Escola Fórum Cultural
Niterói – RJ

VACINA PARA TODOS



Imagine um mundo onde a expectativa de vida fosse muito baixa, a taxa de mortalidade altíssima e as doenças se espalhassem muito rapidamente. Assim era a vida das pessoas antes de uma descoberta que mudou os rumos do tratamento médico e o planeta de uma maneira geral: a vacina.

Agentes infecciosos estão espalhados por toda a parte, tanto no ambiente, como no nosso corpo. Quando ficamos suscetíveis e sem defesa, esses agentes patogênicos, que são organismos causadores de doenças, podem adentrar nossos corpos causando doenças e até a morte.

O corpo humano possui diversos níveis e formas de defesa tais como a pele, as mucosas e os cílios. Eles funcionam como barreiras físicas que impedem que esses patógenos invadam o organismo. Mas, quando eles conseguem passar por essas barreiras e infectar o corpo, então entra em cena o sistema imunológico, com o intuito de atacar e destruir esses corpos estranhos.

Dessa forma, as vacinas consistem em elementos fundamentais, pois são substâncias biológicas que são produzidas em laboratórios e utilizadas com a finalidade de deixar o corpo imune a doenças, através do estímulo para a produção de anticorpos.

Vale ressaltar que as vacinas não curam diretamente nenhuma doença, mas fazem com que, ao ser aplicada, o corpo reaja identificando os antígenos ou o agente patológico, produzindo anticorpos que geram uma imunidade para enfrentar esse perigo que ameaça a saúde.

Antes de sua liberação, elas passam por uma série de testes rigorosos e são estudadas minuciosamente por especialistas.

Algumas vacinas exigem anos de estudos até que possam ser aplicadas nas pessoas, garantindo, dessa maneira, a segurança de quem as toma.

Doenças como gripe, meningite, sarampo, poliomielite e muitas outras ou foram eliminadas de muitos países ou têm hoje baixa notificação em virtude da aplicação de vacinas. E a varíola foi erradicada, também pela ação de uma vacina.

Quando alguém decide se vacinar, não está protegendo somente a si, mas contribuindo de forma significativa para evitar a disseminação de doenças infecciosas. A imunização em massa de uma população garante que uma dada doença tenha chance muito menor de se espalhar ou se transformar em uma epidemia ou mesmo pandemia.

Compreender a importância da decisão de se vacinar é certamente um fator fundamental para garantir o sucesso das campanhas de vacinação. É por esse motivo que devemos nos vacinar e incentivar todos ao nosso redor a fazerem o mesmo. É cuidando de si para cuidar do outro! Então, junte-se ao bonde da vacina e vamos cuidar para que todos nós tenhamos mais saúde.



ISABELLA PIMENTA PATRICK

14 anos

Colégio Tiradentes da Polícia Militar

Belo Horizonte – MG

VACINA PROTETORA, COMBATENTE E VITAL



Há tempos a ciência confirma a eficácia e a segurança das vacinas, apresentando sua imensa importância para a sociedade atual, em que cada indivíduo deve fazer sua parte e se vacinar. Entretanto, ainda há pessoas que as consideram um risco à nossa saúde.

Vacinar-se por quê? A vacina é a melhor e menos custosa maneira de proteção contra assombrosas doenças. Funciona da seguinte forma: em sua fórmula, há um antígeno, corpo estranho ao organismo, forte o suficiente para ativar a produção de anticorpos que irão combater a doença, mas não o bastante para ser nocivo a alguém. Pode ser uma parte, uma forma amena ou inativada do causador da doença. Os anticorpos gerados atuarão sobre o antígeno, interceptando-o. As células de memória armazenam informações do agente danoso para identificá-lo e detê-lo mais depressa, consolidando-se a imunização do indivíduo.

É fundamental que todas as pessoas aptas a serem vacinadas recebam todas as doses vacinais recomendadas pelo Ministério da Saúde a fim de dar, também, proteção àqueles não aptos, como os que têm reações alérgicas graves à vacina e não podem tomá-la. Com a imunização da grande maioria, as doenças não são capazes de contagiar mais cidadãos e, por conseguinte, desaparecem. É a chamada imunidade de rebanho.

Ainda existe, por parte da população, certa desconfiança – e até ignorância – em relação à vacinação, o que é algo alarmante, visto que essas pessoas acabam espalhando notícias falsas por falta de conscientização. Elas acabam optando por evitar a vacina, seja por crer em boatos irracionais, seja até mesmo por considerar que podem contrair doenças outras, o que acaba levando-as à vulnerabilidade.

Complete seu esquema de vacinação, incentive e proteja o próximo para que continuemos a viver sem complicações adicionais. É preciso que haja maior iniciativa do Estado e dos meios de comunicação para desmentir inverdades e conscientizar o povo, auxiliando no combate à desinformação e, conseqüentemente, às doenças.



GUILHERME BRAGA CARNEIRO
14 anos
Colégio São Bento
Rio de Janeiro – RJ

VACINA: UM RITMO BOM!



A música tem uma conexão muito forte com o ser humano. Principalmente entre nós, jovens e adolescentes, que costumamos utilizá-la como meio de expressão de nossa identidade e personalidade.

Um dia desses, navegando em uma plataforma de vídeos *on-line*, ouvi a canção de um funk brasileiro, cuja letra era composta de palavras que rimavam com ostentação. O refrão, num ritmo contagiante, era assim: “O bonde passou / a novinha observou / nessa daí eu vou que vou.”

Enganam-se os que pensam a música apenas como instrumento de distração. Inclusive, isso me fez lembrar das aulas de história e de arte, em que os professores ensinam sobre a influência dela na cultura e nos movimentos de cada década: os punks, os hippies, o pop etc.

Nessa hora de reflexão, com a imaginação bem distante, fui interrompido pela notificação de um aplicativo de mensagem, vinda da minha mãe, que é envolvida nos estudos da ciência: “Filho, olha esse edital aí, é um concurso de Literatura Infantojuvenil. Você vai tirar de letra! É parecido com aquele da escola, em que você ficou em segundo lugar.”

Olhei com pressa. O tema era: “O bonde da vacina: cuidar de si para cuidar do outro”. Pensei rapidamente: de vacina até eu sei um pouco, a professora de ciências comentou bastante sobre esse assunto e participei de um evento com minha mãe na Semana de Imunização. Mas a palavra “bonde” só me fazia lembrar das rimas daquele funk ostentação.

Tentei deixar esse papo de lado, mas a mãe indagava: “E aí? Já planejou o texto do concurso que te enviei?” Comentei com ela sobre a analogia que fiz entre o bonde da vacina e o bonde do funk. Para minha surpresa, ela achou muito legal. E disse: “Você pode juntar as duas coisas.” E foi mostrando exemplos de poesias que ajudaram na conscientização sobre a vacina. E, também, eventos e personagens que foram criados com tal intenção. Aquilo foi se avivando em minha mente. Pensei: realmente a música

tem uma relação muito forte com nosso comportamento, o jeito de nos vestirmos, de expressarmos nossas ideias e nossa visão de mundo.

A partir daí, meus pensamentos ficaram inquietos. E minha mãe, que pensa com a mente de cientista (eu brinco assim com ela), fez uma reflexão importante: “Filho, repare que os padrões e tendências que observamos nos estilos de música mais consumidos pelos jovens podem ser relevantes para orientações e tomadas de decisões em outras áreas, que não necessariamente seja no campo musical.” (Bingo! Na minha idade, confesso que ainda não conseguiria formular esse questionamento. Mas entendi o que ela quis dizer. Daí veio meio *insight*.)

O “bonde” da letra do funk tem objetivo dançante. Já o bonde da vacina tem outra “pegada”: o intuito é alertar, proteger, imunizar e salvar (vidas)!

Segui pesquisando mais conteúdo sobre a vacina, achei muita coisa legal. Outras, nem tanto, havia várias *fake news*, e a professora de redação já havia nos ensinado alguns passos para identificá-las.

Meu encanto com algumas campanhas publicitárias foi instantâneo. Muitas delas tinham personagens de HQs de que eu gosto. Foi aí que descobri o Zé Gotinha. Achei o máximo saber que existe um personagem brasileiro, criado para as campanhas de vacinação, com o objetivo de tornar essa temática mais atraente para as crianças. Inclusive, me atualizei esses dias e vi que o Zé Gotinha “*tá on*”, com perfis oficiais para compartilhar informações importantes nas mídias sociais.

Estou convencido da importância da proteção e do cuidado que precisamos ter conosco e com os outros. Precisa ser urgente o incentivo para que sigamos no bonde da vacina, que tem tudo a ver com imunização, cuidado e conscientização. Tudo isso rima com música, soma com juventude, infância e com qualquer outra idade. O importante é trocar ideias, tirar dúvidas, atualizar a carteirinha, ficar atento ao calendário, espalhar conhecimento sobre saúde, bem-estar e vacinação.



LUIZ FELIPE LEMOS AMORIM
14 anos
Colégio São Vicente de Paulo
São Luís – MA

VACINAÇÃO: UM PACTO COLETIVO



A vacina, criada no século XVIII, surgiu com o objetivo de erradicar a varíola, uma doença gravíssima na época. Entretanto, pela falta de conhecimento dos benefícios do imunizante, a população se recusou a recebê-lo. Apenas após alguns anos, em 1813, surgiram estudos comprovando a eficácia da vacina. Mesmo assim, parte da população ainda questionava o seu benefício na erradicação de doenças.

Foi nesse contexto que houve o surgimento de movimentos antivacinação. No entanto, até hoje, na era da informação, podemos observar a existência desses movimentos. Por espalharem informações errôneas e equivocadas, como a “notícia” que relaciona a vacina com casos de autismo, esses grupos atrapalham o combate a graves enfermidades. Como consequência desse negacionismo, doenças que haviam sido eliminadas de alguns países, como o sarampo, acabam ressurgindo, o que ocorreu no Brasil.

Apesar de as vacinas não serem uma novidade no nosso cotidiano, ainda assim, poucos parecem realmente saber como elas funcionam e quais são seus benefícios. É importante saber que, mesmo que a seringa seja causadora de medo em muitas pessoas, principalmente em crianças, a vacinação é fundamental, pois estimula o organismo a criar anticorpos para nos defender de certas doenças. A vacina da varíola, por exemplo, permite que o organismo crie uma “memória” desse vírus, e, caso o corpo seja atacado por essa doença, os anticorpos saberão como derrotá-la. Logo, a vacina prepara o corpo para reagir contra uma doença possivelmente mortal. Por outro lado, pessoas não vacinadas podem sofrer de sintomas mais graves ao contrair uma doença ou ainda transmiti-la para as pessoas ao seu redor.

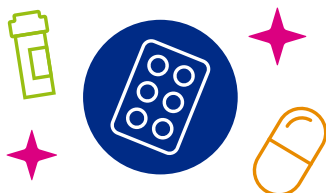
Portanto, a vacina é uma das formas de defesa imunológica mais importante, pois ela fortalece nosso organismo para que ele possa nos defender ativamente das ameaças invisíveis que são as doenças.

Nesse sentido, a vacina detém um importante papel no nosso cotidiano, e, como seres que vivem em uma sociedade, somos responsáveis pela nossa proteção e pela proteção dos outros. Assim como um soldado não pode lutar uma guerra sozinho, não adianta somente um grupo de pessoas se imunizar: a vacinação é um pacto coletivo e, desse modo, é dever de todos os cidadãos.



MARIANNE CINELLI GRESS NICOLAY TAVARES DA SILVA
15 anos
Escola Eliezer Max
Rio de Janeiro – RJ

VACINAR OU NÃO VACINAR - EIS A RESOLUÇÃO



Um burburinho instaurou-se na pequena casa de barro de dona Selma. Prolongado, seu início coincidiu com a abertura da oitava reunião da Associação de Moradores da Porto do Sol. Ali, encontrava-se uma centena de pessoas amontoadas em um espaço improvisado, onde café açucarado era a única bebida disponível. A proprietária do local teve a sorte de sediar a mais importante assembleia daquele pequeno território autônomo que, por sua natureza, possui uma peculiaridade: seus habitantes, conhecidos por sua união e senso de comunidade, só tomam decisões coletivamente, em um exemplo de democracia direta, pioneiro no Brasil.

Ouvia-se de tudo:

- Não confio nesses venenos das grandes farmacêuticas!
- É tudo uma farsa! Isso deveria ser banido da face da Terra!

O assunto era vacinação. Mais relevante, impossível. A região onde se localiza Porto do Sol vivia uma grave epidemia de sarampo, doença contida por décadas. Sua ressurgência era, sobretudo, um desafio para seus habitantes, acostumados à proximidade física constante, seja pela sua natural extroversão, seja pela imposição do meio, devido ao amontoamento

de casebres superlotados no Morro da Praia, centro da comunidade. Um leitor mais atento deve estar se perguntando por que todas as frases aqui expostas têm um tom negativo se a vacinação é a esperança contra a epidemia. Prefiro deixar que a própria dona Selma explique o motivo:

– Companheiros, eu entendo a preocupação de vocês em relação à vacina. Cada um pode ter suas próprias restrições, mas, por favor, peço a vocês que não se deixem levar por essas graves mentiras levantadas aqui! Essas acusações sem fundamento não nos levarão a lugar nenhum! Pelo contrário, nos mandarão ao fundo do poço. Não deem ouvidos às *fake news* que circulam em grupos de mensagens. Lembrando que aquele que compartilhar esse tipo de material no grupo da Associação será expulso do grupo.

Aqui, a presidente da sessão e notável líder comunitária denunciava a circulação de um boato, sabe-se lá sua origem, de que a vacina contra o sarampo, distribuída gratuitamente pelo SUS, é composta por minerais nocivos à saúde humana. Infelizmente, como fogo em palha seca, espalhou-se por meio dos aplicativos de comunicação virtuais. E, por sua vez, causou o alvoroço já mencionado, meus amigos. Talvez ele desperte em vocês memórias não tão agradáveis...

De qualquer forma, a contenda não parecia ter fim. De um lado, os oponentes da vacinação, grupo barulhento e convicto, advogava pela aberta recusa da vacinação em Porto do Sol, por um emaranhado de razões. De outro, dona Selma e os partidários da imunização sustentando sua eficácia perante as mentiras em circulação. No meio, uma ampla maioria silenciosa, confusa, desnorteada, ou até avessa à discussão em curso. Alguns enxergavam a confusão como teatro político, um drama desnecessário. Outros estavam defendendo seus pontos de vista com unhas e dentes em discursos inflamados.

Que fique claro: o quadro epidemiológico é grave. A escola local foi fechada até segunda ordem, já que uma dúzia de crianças contraiu o vírus. Estão internadas duas dessas e um recém-nascido não resistiu. Ainda assim, isso não parece ser levado em consideração pelos deliberantes, contaminados por uma miríade de invenções, medos, desconfianças e tensões. Uma pena que ainda não haja vacina para tamanha ignorância.

Agora, o astro-rei se põe na comunidade, marcando, em teoria, o fim desse ritual, patrimônio imaterial de Porto do Sol. Entretanto, ao contrário do dia, o ininterrupto debate seguia a pleno vapor, sem fim aparente.

Contudo, a iluminação dos raios solares não desapareceu; foi canalizada para transparecer as ideias de uma mente brilhante: a de seu Evair.

Tio de dona Selma, no auge de seus 85 anos, seu Evair é um homem de poucas palavras. Sentado em sua cadeira de rodas, é quase como uma figura paterna para o bairro, sendo um dos pioneiros que se mudaram para lá ainda no século passado. Absorto em seus pensamentos, parecia desde o início da reunião estar atentamente ouvindo cada ponto levantado. Apesar das limitações físicas, possui uma memória invejável, capaz de lembrar o nome de todos os presentes. Em um ato de coragem, contrário à sua essência introvertida, até mesmo tímida, ele inscreveu seu nome no rol de oradores, o que chocou a todos, incluindo dona Selma, que não imaginava o que estaria por vir.

Levando sua cadeira até o púlpito adaptado, Evair se vê em frente de uma multidão tumultuada, sem o mínimo de coesão necessária para a tomada de decisão. Consciente do desafio que adotou para si, começou seu discurso com um apelo para união de todos, utilizando de analogias entre o povoado e um ecossistema, e com um pedido para escuta atenta. E, assim, começou aquilo que mudaria o destino da comunidade:

– Amigos e amigas de Porto do Sol. A estrela que nos nomeia já se pôs, o que deveria marcar o fim desta assembleia. Porém, continuamos aqui, discutindo, batalhando, guerreando contra linhas de raciocínio. Mas essas linhas de raciocínio estão, por vezes, contaminadas por más influências. Não é possível derrotar ideias abstratas, meus amigos. Escutem-me: cada um tem suas opiniões, crenças e convicções únicas, que os caracterizam e lhes confere todas suas nuances. Isso é algo a se aplaudir. Mas, em momentos críticos como o que passamos agora, em que vidas de nossos conhecidos, amigos e parentes estão em risco, não podemos nos dar ao luxo de centrar esse debate ao redor de caprichos pessoais. É preciso um olhar comunitário, de senso coletivo, mas também de dever individual. Se cumprirmos nosso papel enquanto cidadãos, construiremos um futuro melhor para todos nós. E, para isso, devemos seguir os conselhos da verdade, da lógica, da razão e do comprovado. A vacina contra sarampo é usada há anos ao redor do mundo. É uma bênção tê-la disponível gratuitamente. Não devemos recusá-la. Não existe mineral tóxico em sua composição, o que é fácil de comprovar, pois, se houvesse, todos nós, inclusive eu, que tomamos a vacina quando mais novos, não estaríamos aqui para deliberar. É mais uma balela criada para provocar medo e nos

dividir. Por favor, clamo a vocês que sigam meus passos, entrem no meu bonde e deixem de lado desavenças, desconfianças e inseguranças em nome do futuro de nossas crianças. Muito obrigado pela atenção.

Como por milagre, ou mensagem divina, as palavras de seu Evair soaram como música aos ouvidos do público, que logo compreendeu a verdadeira importância da vacinação. Após sua fala, foi aprovado por unanimidade o aluguel de um ônibus para levar todas as crianças do local ao centro de vacinação mais próximo. Assim, a comunidade pôde eliminar a tão temida doença de seu território e voltar a conviver sem medo.

Anos mais tarde, uma estátua de seu Evair foi erguida em homenagem aos seus esforços de conscientização em prol da vacinação, com a presença de dona Selma e todos os moradores do bairro, que nunca esqueceram a importância do autocuidado e do senso de coletividade para o bem-estar geral.



HUGO DE GUNTO BUENO
16 anos
Colégio Santo Agostinho
Rio de Janeiro – RJ

VACINAR-SE PARA A VIDA MELHORAR



A vacinação é considerada uma das maiores conquistas da medicina moderna, desempenhando um papel importante na sociedade, especialmente quando se trata de saúde pública. Ela ajuda na caminhada para o controle e para a erradicação de doenças perigosas para a população, como a varíola, uma doença considerada mortal, e, desde 1980, graças à vacina, é declarada como erradicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), tendo se tornado a primeira doença a ser erradicada – e a única até hoje – por meio da vacinação. Ela também desempenha um papel importante na prevenção de doenças contagiosas, evitando que se espalhem pela sociedade e afetem a saúde da população.

Dessa forma, a vacinação, além de ajudar na eliminação de doenças, colabora para a redução da taxa de mortalidade e fortalece a saúde das pessoas, visto que a vacina, ao entrar no sistema imunológico, estimula a criação de anticorpos, que melhoram a proteção contra doenças específicas.

Além disso, é importante destacar que o ato de se vacinar também possui um papel significativo na saúde pública, uma vez que contribui para o controle de epidemias e pandemias.

Entre os anos de 2020 e 2022, ocorreu a proliferação do vírus SARS-CoV-2, responsável por causar a covid-19, e a disseminação alta e sem controle desse vírus resultou em uma pandemia. O controle dessa doença foi muito difícil no início, mas, com o surgimento da vacina, foi possível uma intervenção contra a covid-19.

Por meio de um planejamento de cobertura vacinal para a população, foi possível a diminuição da transmissão do vírus e o controle da pandemia.

Entretanto, apesar dos inúmeros benefícios que a vacinação disponibiliza, existem vários desafios a serem solucionados, como o surgimento dos movimentos antivacina, que, geralmente, são causados por informações falsas a respeito da segurança e eficácia desse método de proteção. Com esse movimento, muitas pessoas decidem não se vacinar nem vacinar seus familiares, conseqüentemente pondo em risco a própria saúde e a das pessoas ao redor dela, visto que, ao não se vacinar, ocorre o aumento da possibilidade de doenças que antes eram consideradas eliminadas voltarem a surgir novamente. Logo, é fundamental que medidas sejam adotadas para que a cobertura vacinal seja a máxima possível.

A vacina é uma ferramenta poderosa e essencial para a imunização da sociedade, possuindo a capacidade de proporcionar a possibilidade de um futuro em que a proliferação de doenças seja menor, melhorando, assim, a qualidade de vida. É essencial que o governo, os profissionais da saúde e da educação ajam em conjunto de modo a possibilitar a conscientização das pessoas, tanto adultos como crianças, sobre a importância da vacina, destacando seus efeitos e combatendo as informações falsas a respeito da vacina.

Dessa maneira, com as pessoas mais informadas sobre esse assunto, ocorrerá o enfraquecimento e a redução da quantidade de movimentos antivacina. A desinformação se combate com a informação.

Portanto, é imprescindível pontuar que a vacinação é um dos melhores tipos de intervenção contra doenças para proteger a sociedade e a saúde pública, proporcionando uma expectativa de vida maior e uma melhor qualidade de vida, tanto para a geração atual, como para as futuras gerações.

No entanto, para que os efeitos proporcionados pela vacina se realizem, é essencial que a sociedade esteja unida, se vacine e combata a desinformação, lutando, assim, para que todos tenham acesso à imunização que a vacina oferece, protegendo tanto a si de doenças, como as pessoas ao redor. Dessa forma, haverá um ambiente seguro, sem a proliferação de doenças perigosas, como a varíola.



VACINE-SE! SALVE VIDAS!



Quando eu era menor, eu não conseguia entender o que era vacina, nem o porquê da minha mãe sempre me levar aos postos de vacinação. Hoje em dia, porém, eu sei que a vacina é uma substância produzida e aplicada em nossos corpos para que o sistema imunológico tenha uma resposta de proteção contra um agente que possa vir a agredir o nosso organismo, como vírus e bactérias.

Antigamente, eu odiava tomar vacina, porque não gostava de agulhas. Perdi esse medo quando minha mãe me explicou o quão importante para a minha saúde e a da minha família seria tomá-las.

Acho incrível que, no nosso país, a vacinação seja de graça e disponível para toda a população.

Apesar da proteção que as vacinas oferecem para a população brasileira, ainda existe muita gente que não acredita na sua eficácia. Na minha opinião, não faz sentido que, em pleno 2023, com todos os avanços científicos que nós tivemos, ainda existam dúvidas sobre a eficácia e a importância das vacinas. A eficácia ou não de determinada vacina é uma questão que cabe à ciência analisar, e não a nós, que não temos conhecimento suficiente para isso.

Grande parte da população não toma vacinas, pois acredita que elas não evitam ou diminuem o contágio das doenças. No entanto, as vacinas não foram desenvolvidas com o objetivo principal de evitar o contágio, mas, sim, de evitar que as pessoas, uma vez em contato com uma doença, venham a desenvolver quadros graves.

Vacinar deve ser um ato coletivo. Nada adianta somente uma pequena parte da população se vacinar. A proteção vem quando a maioria se vacina. Quando a pessoa se vacina, ela não está se protegendo somente, ela está, sim, protegendo a população. Quem não se vacina não coloca em risco somente a própria saúde, mas também a de seus familiares e de outras pessoas.

Realmente, não faz sentido uma pessoa saber de todos os benefícios da vacinação e, ainda assim, não se vacinar. A vacinação é tão importante para a minha saúde e a de todos à minha volta que é assustador pensar que tem muita gente que ignora seus benefícios e não acredita na sua importância.

Hoje, muitas pessoas acreditam em tudo que é postado em redes sociais, mas não entendem que muito do que se lê ali não é verdade, não é baseado em estudos e na ciência. Há uma enorme quantidade de *fake news* espalhada na internet e, infelizmente, isso contribui para que muitos não venham a se vacinar. O combate a essas informações falsas é muito necessário para que a população venha a entender a real dimensão de se vacinar.

Vacinar a si próprio é um ato de solidariedade e de amor. Vacine-se! Proteja você e todos ao seu redor! Salve vidas!



LUIZA CONSIDERA CÔRTEZ
13 anos
Escola Fórum Cultural
Niterói – RJ

VIAGEM NO TEMPO



Pedro, um adolescente de 13 anos, inteligente e curioso, guardava um segredo que não tinha coragem de revelar a ninguém: um medo absurdo de injeções! Ele tinha ouvido falsas histórias de pessoas que tiveram reações após tomar uma vacina, e essas histórias haviam criado uma fobia em sua mente. Por causa disso, Pedro sempre tentava fugir de tomar vacinas ou medicamentos, mesmo quando seus pais tentavam explicar a importância para sua saúde.

Uma noite, Pedro dormiu muito preocupado porque, na manhã seguinte, era dia de ser vacinado. Quando acordou, algo incrível tinha acontecido: ele não viu seus pais, estranhou a casa em que estava e parecia ter sido transportado para um lugar sombrio e desconhecido. Tudo era muito estranho! Andou pelas ruas e levou um baita susto quando olhou para a banca de jornal: pendurada estava uma revista com a seguinte frase: “1953: RJ registra recorde de casos de poliomielite”. Como assim? Pedro não conseguia entender o que estava acontecendo, como teria voltado 70 anos ao passado?

Continuou a andar pelas ruas e viu tudo muito diferente: as roupas, os penteados, os carros, ouviu músicas que não conhecia... Pedro chegou perto de uma senhora e pediu o celular emprestado para ligar para seus pais. A senhora ficou comicamente confusa, já que não fazia ideia do que era um celular.

Durante suas andanças, também viu algumas crianças e adolescentes usando muletas e cadeiras de rodas. Aquela cena tocou o coração de Pedro, que foi conversar com eles. Geraldo, um dos meninos, se mostrou mais aberto e explicou a Pedro o que havia acontecido com eles.

- Todos nós sobrevivemos à poliomielite, alguns de nossos amigos não tiveram a mesma sorte. Hoje eu sou um cadeirante, mas agradeço por estar vivo.
- Mas vocês não tomaram a vacina?
- Que vacina? Ainda não existe remédio para essa doença.

Nesse momento, Pedro teve certeza de que havia voltado no tempo, já

que seu irmãozinho Matheus havia sido vacinado recentemente contra a poliomielite. Mas como sair de lá?

Pedro ia se sentindo cada vez mais cansado e confuso. Sem saber para onde ir, chorou silenciosamente para ninguém perceber. Estava tão assustado que se deitou em um banco na praça e caiu em um profundo sono. Quando acordou, viu que continuava no passado, mas em uma época bem mais recente. Olhou no calendário de uma loja e viu que estava em 2004.

Enquanto procurava o caminho de volta para sua casa, encontrou um posto de saúde lotado. Curioso, Pedro foi perguntar o que as pessoas iriam fazer lá. Uma moça respondeu:

– Tomar a vacina tríplice viral! Finalmente, saiu. Sua mãe não te trouxe para tomar ainda?

– Já tomei sim, obrigado.

Ao se afastar do posto, chegou a uma pracinha, onde tinha uma televisão em que passava uma matéria sobre a crise de sarampo, ocorrida em 1997: “Completem sete anos desde o maior surto de sarampo no Brasil, onde tivemos 40.000 casos confirmados, porém, no ano seguinte, houve uma queda exorbitante para apenas 260 casos, graças à vacinação...” E Pedro deixou a pracinha pensando: “Tudo que quero é voltar pra minha casa. Melhor tomar mesmo essa vacina. É rapidinho e vai salvar minha vida.” Começou a correr e falar bem alto:

– Cadê minha casa? Mãe, pai, cadê vocês?

Nesse instante, Pedro acordou ofegante e percebeu que tudo não tinha passado de um sonho. Ficou pensativo, mas logo se levantou e se arrumou para ir ao posto de saúde. Seus pais ficaram bem surpresos com a atitude do garoto...

Pedro, enfim, entendeu a evolução da ciência e da medicina e como as vacinas foram melhoradas ao longo do tempo. A cada ano, novas tecnologias e pesquisas permitem desenvolver medicamentos mais seguros e eficazes, com grande sucesso, salvando centenas de milhares de vidas anualmente.



JORGE SAMUEL DE OLIVEIRA ANDRADE
14 anos
Centro Educacional de Toledo
Rio das Ostras – RJ

VOGÊ TAMBÉM PODE SER UM HERÓI



É um lindo dia, ensolarado. Miguel está deitado no sofá, assistindo à sua série favorita, quando sua mãe, estraga prazeres, chega e diz para ele se arrumar o mais rápido possível, pois ele teria que se vacinar.

Já no posto de saúde, eles mal entram na fila e Miguel resolve encrencar. Ele chora, esperneia e grita dizendo que não vai tomar de modo algum a vacina, fazendo o bairro todo escutar. Sua mãe decide, então, tomar alguma providência diante dos maus modos do menino contando a história da vacina para tentar convencê-lo de sua importância. A mãe inicia sua fala sobre a varíola e sua história no Rio de Janeiro, já que é onde eles moram.

– Naquela época, o Rio (mais conhecido no exterior como “túmulo dos estrangeiros”) sofria com múltiplas doenças: peste bubônica, tuberculose e febre amarela. A vacina antivariólica foi criada em 1796, na Inglaterra, por Edward Jenner, e, mesmo assim, 100 anos depois da criação do antídoto, o povo continuava a sofrer. Diante desse absurdo, o presidente do Brasil, o prefeito do Rio e Oswaldo Cruz, um médico famosíssimo, resolveram obrigar a todos a se vacinar. Então o que era para ser uma solução se tornou um problema ainda maior. A vacina se tornou um caso de polícia. O povo descontente pela obrigatoriedade da vacinação causou uma grande confusão. As pessoas tinham medo da vacina por culpa da desinformação e de falsos boatos, como aquele que dizia que quem se vacinava acabava com cara de boi. Depois de muitos presos, machucados e até mortos, essa lei, que obrigava as pessoas a se vacinar, foi retirada. E, por conta disso, em 1908, o Rio foi novamente atingido por um grande surto de varíola fazendo com que as pessoas procurassem por vontade própria os postos de saúde para serem vacinadas. Graças ao entendimento da necessidade da vacinação, essa doença foi erradicada, teve fim em 8 de maio de 1980 no mundo inteiro.

“Sabe, filho, hoje em dia, as crianças são protegidas de várias doenças, como a poliomielite, que podia fazer as crianças perderem o movimento das pernas para sempre.”

A imaginação do Miguel ganha asas e ele pensa num monstro que segura firmemente as pernas da pobre criança. A mãe também cita a hepatite B, em que a pessoa pode criar aversão aos alimentos, ou seja, começar a ficar enjoado ao comer batata frita, chocolate, pizza, milk-shake... (O menino rapidamente se arvora, para ele isso parecia pior que a morte.) E também fala sobre as pessoas que têm restrição e não podem tomar certas vacinas, como o seu primo que tem alergia a ovo e não pode tomar a vacina da febre amarela. Ele precisa que todos à sua volta tomem a vacina para protegê-lo, já que ele mesmo não tem outra opção.

– Filho, agora você entende o quão importante é se vacinar? Esses boatos contra a vacinação são grandes mentiras. A vacina tem uma importância tanto para a própria pessoa que a toma, quanto para aquelas ao seu redor. Como você viu e vivenciou na covid-19, essas doenças e pandemias afetam também a economia, como com o restaurante do seu tio, e até com a sua escola, que teve que fechar por um tempo. Muita coisa teve que mudar para se ajustar a uma nova realidade.

Miguel, de braços cruzados, balança a cabeça pensando que ainda não tomaria a vacina. Nesse momento, a enfermeira grita:

– Quem será a próxima criança corajosa que vai se vacinar?

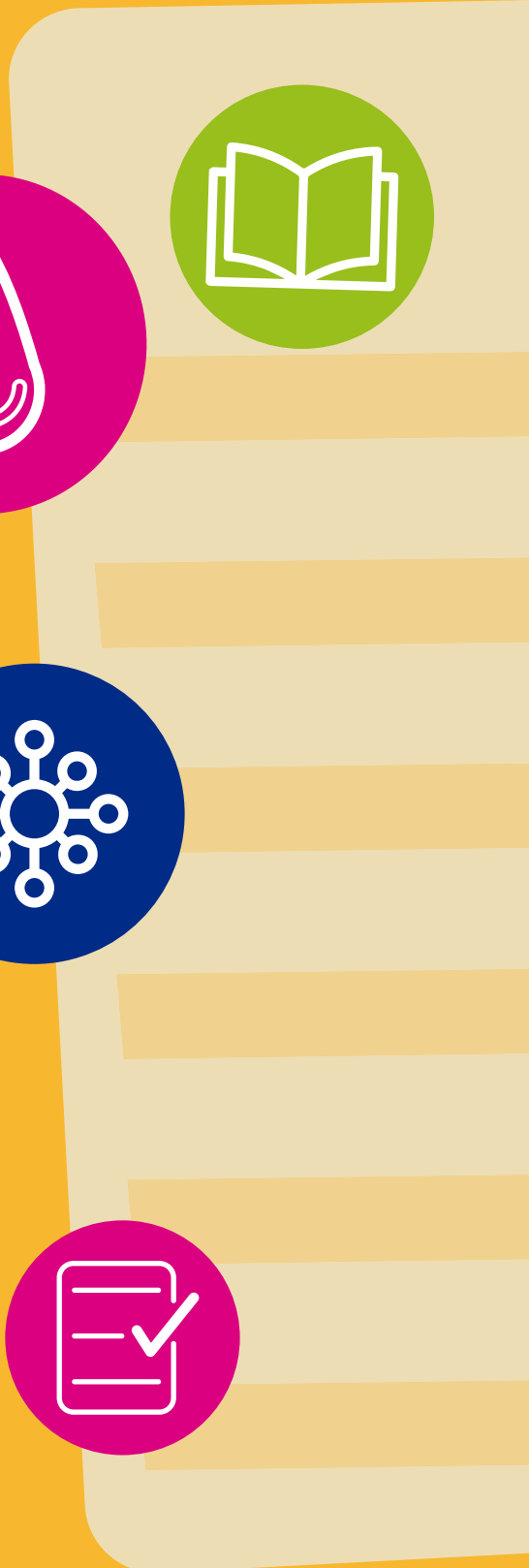
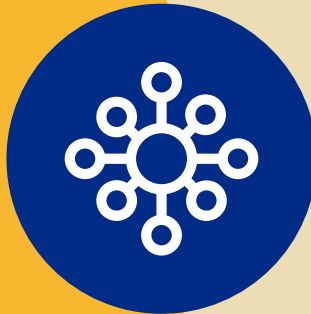
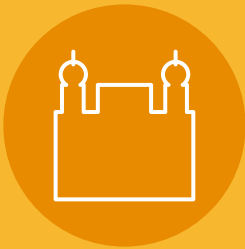
O garoto olha para mãe com um olhar sério e grita:

– Eu!!!!

Ele sai do posto de saúde vitorioso, como um herói, e pergunta para a mãe se eles podem comer batatas fritas e tomar milk-shake.



GUILHERMINA RESECK DUNCAN
13 anos
Escola Fórum Cultural
Niterói – RJ





Portinho Livre

PORTINHO LIVRE

Portinho Livre é a plataforma *on-line* da Fundação Oswaldo Cruz que reúne livros, em acesso aberto, para crianças e adolescentes. Obras que atizam a imaginação, a curiosidade e o interesse pelo mundo. Que usam o poder da literatura para instigar o interesse pela ciência, pela saúde pública e pela cidadania. E que podem ser lidas por qualquer internauta, de graça.

Mas Portinho Livre é, também, um selo editorial. Publica livros inéditos que, voltados a meninos, meninas e *menines* de nossos tempos, apresentem temas relacionados ao universo científico e à construção do pensamento crítico.

Este é o segundo livro publicado pela Portinho Livre. Foi produzido com o apoio do Programa Inova Fiocruz – Produtos Inovadores, edição 2022.

Este livro foi publicado em acesso aberto, podendo ser baixado e acessado *on-line* em *tablets*, *smartphones*, telas de computadores e em leitores de *e-books*.

Produção Portinho Livre | Icti | Fiocruz

Textos compostos em Cardenio Modern e PT Serif.

Rio de Janeiro, julho de 2024.



De julho a agosto de 2023, estudantes de todo o Brasil atenderam ao convite da Fundação Oswaldo Cruz e escreveram textos sobre o tema “O bonde da vacina: cuidar de si para cuidar do outro”. O 1º Concurso Portinho Livre de Literatura Infantojuvenil buscou ouvir — no caso, ler — o que pensa a juventude brasileira sobre este que é, hoje, um dos principais desafios da saúde pública: a vacinação. Este livro reúne os 30 textos vencedores, concebidos por estudantes de 13 a 16 anos, das quatro regiões do país. Com muita criatividade e reflexão crítica, passeiam por diferentes tempos históricos, da Revolta da Vacina até projeções de futuros possíveis. Inventam personagens que precisam se haver com o medo da agulha ou com vírus desconhecidos. E até evocam ritmos musicais, como o rap e o funk, para abordar esta que é, ou deveria ser, uma dança coletiva em defesa da vida.

realização

